

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEFIS
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: possibilidades no trato com o conhecimento**

RECIFE

2022

REBECCA KARON GONÇALVES DE OLIVEIRA

**AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: possibilidades no trato com o conhecimento**

REBECCA KARON GONÇALVES DE OLIVEIRA

**Monografia apresentada como requisito
parcial para a obtenção do título de
licenciada em Educação Física pela
Universidade Federal Rural de
Pernambuco- UFRPE. Orientadora:
Rosângela Cely Branco Lindoso**

**Recife
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

048p Oliveira, Rebecca Karon Gonçalves de
AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: : possibilidades no
trato com o conhecimento / Rebecca Karon Gonçalves de Oliveira. - 2022.
66 f. : il.

Orientadora: Rosângela Cely Branco Lindoso.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Educação Física, Recife, 2023.

1. Práticas Corporais de Aventura. 2. Possibilidades de Ensino. 3. Educação Física. I. Lindoso,
Rosângela Cely Branco, orient. II. Título

CDD 613.7

REBECCA KARON GONÇALVES DE OLIVEIRA

**AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: possibilidades no trato com o conhecimento**

Aprovado em 04 de outubro de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

Rosângela Cely Branco Lindoso
Orientadora

Rachel Costa de Azevedo Melo
Prof. Examinador I

Ana Lúza Barbosa Vieira
Prof. Examinador II

DEDICATÓRIA

Dedico

À minha família.

Ao meu filho, Lucca.

Ao meu companheiro, Igor.

AGRADECIMENTOS

À minha família, que me ensinou a concluir tudo o que começo.

Ao meu companheiro Igor, que sempre esteve ao meu lado nessa jornada.

Aos meus colegas de turma (Dyego César, Daniele Cristina, Quézia Andrade , Jéssica Sena, Geiliane Rebeca, Júlia Beatriz e Thaís Sérvio), pelo apoio prestado desde quando meu filho começou a ir comigo às aulas, dos seus 04 meses até seus quase 2 anos. A ajuda de vocês possibilitou que eu continuasse vivendo a graduação como sempre desejei, mesmo diante das limitações.

Ao meu amigo Felipe Domingues, que me apoiou durante esse processo de graduação e zelos com meu filho.

Aos professores do Departamento de Educação Física da UFRPE, pelos aprendizados, pela empatia e solidariedade no período em que meu filho me acompanhou nas aulas.

À minha orientadora Rosangela Lindoso pela paciência, dedicação e contribuições para conclusão desta etapa da minha graduação.

À Universidade Federal Rural de Pernambuco, pela rica experiência.

RESUMO

Esse estudo busca equacionar o problema sobre as possibilidades educativas, acerca das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física. A partir de uma revisão bibliográfica, investigação de documentos reguladores da educação e apresentação de dois relatos de experiências vivenciados durante a graduação do curso de Licenciatura em Educação Física, os resultados apontam que essas práticas estão em crescimento e já fazem parte da proposta pedagógica nacional, proporcionando um campo rico e com potencial criativo para ser trabalhado de diversas formas no chão da escola. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, uma pesquisa exploratória que objetivou identificar e sugerir possibilidades do trato com o conhecimento acerca das práticas de aventura nas aulas de Educação Física Escolar. Certamente, a reflexão e o debate sobre a referida temática configuram-se procedimentos fundamentais para que as possibilidades possam ser concretizadas. Concluímos que existem muitas práticas que podem ser trabalhadas no contexto escolar, com baixos custos, riscos, em diferentes ambientes e oferecendo uma excelente oportunidade de serem trabalhados de forma interdisciplinar, enriquecendo ainda mais as experiências dos estudantes.

Palavras Chave: Práticas Corporais de Aventura. Possibilidades de Ensino.

Educação Física.

ABSTRACT

This study equates the problem about the educational possibilities concerning the body adventure practices in Physical Education classes. From a literature review, investigation of regulatory documents and presentation of two reports of experiences lived during the graduation of the Degree course in Physical Education, the results indicate that these practices are on the rise and are already part of the national pedagogical proposal, providing a rich field with creative potential to be worked in different ways on the school floor. It is a qualitative, bibliographic research bibliographic, composed of an exploratory research that aimed to identify and suggest possibilities of dealing with the knowledge about adventure sports in School Physical Education classes. Certainly, the reflection and discussion on this theme are fundamental procedures as possibilities that can be materialized. We conclude that there are many practices that can be worked in the school context, with low costs, risks, in different environments and offering an excellent opportunity to be worked in an interdisciplinary way, enriching even more the students' experiences.

Key words: Body adventure practices. Educational possibilities. Physical Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 DA SOBREVIVÊNCIA À PEDAGOGIA: COMO SURGEM AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA ESCOLA?.....	14
2.1 Os múltiplos olhares sobre as práticas corporais de aventura.....	21
2.2 Práticas corporais de aventura - PCAs: conceitos e classificações	24
2.3 As Práticas Corporais de Aventura - PCAs e a Educação Física: uma aproximação possível	28
2.4 As Práticas Corporais de Aventura e os documentos reguladores do ensino....	32
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	37
4 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	39
5 HORA DA AVENTURA: POSSIBILIDADES NO TRATO COM O CONHECIMENTO.....	46
5.1 Corrida de orientação: um tesouro pedagógico.....	46
5.1.1 Relato de Experiência: O enigmático tesouro escondido	47
5.2.1 Relato de Experiência: Práticas Corporais de Aventura no Ensino Remoto ..	55
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICOS.....	63

1 INTRODUÇÃO

A parte interessante da história é que ela nos faz perceber que nada, absolutamente nada, que se tem ou faz hoje surgiu assim: do acaso. Como bem disse SAVIANI (2010) é preciso uma observação histórica do desenvolvimento de um fenômeno para compreendê-lo na atualidade. Neste sentido, foi a partir dessa observação histórica que pudemos perceber a importância das práticas corporais de aventura como um conhecimento a ser tratado pedagogicamente na Educação Física Escolar.

As práticas corporais de aventura (PCA) antes de serem assim conceituadas, já existiram de formas, nomenclaturas e em contextos diferentes. Assim, é importante conhecer a raiz histórica dessas atividades nos dias atuais, para compreender sua ascensão no universo escolar e, principalmente, suas possibilidades educativas.

O conceito de aventura é algo intrínseco do ser humano. Tal palavra pode ser entendida como “uma experiência nova, algo intocável, fora do ordinário” (MARINHO, 2013, p.29). Ao nascer somos seres frágeis que precisam de cuidados constantes. Com o passar do tempo vamos adquirindo habilidades como: rolar, sentar, engatinhar, subir, descer, andar, correr que podem, de certa forma, serem considerados como desafios ou atos de aventuras.

Esses momentos de aventura que vamos vivenciando, nos permitem tomar decisões e desenvolver habilidades que nos tornam pequenos aventureiros, dispostos a explorar a natureza, os espaços e, muitas vezes, podendo correr riscos. Contudo, enquanto crianças, diante de situações de possíveis perigos, somos imediatamente tolhidos em nosso querer. “Não corra pra não cair!”, “desce daí que você vai se machucar!”. Essas e outras expressões são bem comuns de se perceberem no universo infantil e, muitas vezes, retraem aquele pequeno ser aventureiro que somos.

Logo, é importante o contato com os desafios, com os riscos controlados, bem como o convívio com a natureza, com o outro e consigo mesmo. Essas experiências acompanham historicamente o homem no sentido de sua contínua

construção, na qual continuamente dialogamos e aprendemos com o mundo. Como seres históricos, parte de nossas escolhas presentes, têm frutos no passado e nos estilos de vida pessoais que às vezes são influenciados pelos ambientes que frequentamos ou pelo contato com pessoas que estiveram ao nosso redor.

Dito isso, a aproximação com o tema surgiu ainda na infância, brincando de skate, patins, patinete e realizando corridas de bicicleta. Posso afirmar que a aventura sempre esteve presente, com ou sem materiais e equipamentos: escalando paredes para jogar futebol, árvores, explorando a natureza, brincando de caça ao tesouro. Essa vivência da infância traz reflexões sobre como surgiram as práticas corporais de aventura no seu limiar primitivo. Era necessário que o homem escalasse para fugir de predadores, bem como andasse por montanhas e vales para encontrar novos espaços para caça e moradia.

As práticas corporais de aventura surgiram através do contato do homem com a natureza, e essa conexão tem muita ligação com traços históricos e sociais da nossa humanidade que despertaram na população o desejo de experimentar algo novo para desfrutar os momentos de lazer.

Bernardes (2013) evidencia que o uso da criatividade foi o que permitiu o surgimento da grande maioria das PCA ao longo do tempo e que o grande “boom” dessas atividades aconteceram nas últimas duas décadas devido ao grande desenvolvimento tecnológico que permitiu que essas práticas fossem realizadas com mais segurança.

Você consegue, em instantes, pensar o quanto de atividades na natureza existem? O quanto não desafiamos nosso corpo, até mesmo no dia a dia, a praticar atividades que tem sentido no ato de aventurar-se? Se você, ao menos, tiver contato com qualquer criança, vai entender o que é viver uma aventura e ser inundado de adrenalina.

Ao praticarmos atividades de aventura temos a sensação de viver experiências novas, sair da rotina, correr riscos, tomar decisões. Esse contato com o ambiente natural desperta sentimentos intensos no praticante e

por isso, talvez possamos afirmar que a aventura compreende a liberdade de escolha pelo tipo e nível da atividade em si (mais ou menos arriscada, estressante, cansativa), e o componente incerteza, diretamente ligado ao desconhecido, ao novo e a recompensas inerentes à prática (satisfação, bem-estar, superação, alegria, etc.) (MARINHO, 2013, p.31).

Quando paro para observar minha trajetória, vejo o quanto amo estar em contato com a natureza e praticar atividades físicas, sobretudo ao ar livre. Durante a juventude passei longos anos em uma Igreja Batista na qual liderava um grupo de adolescentes e jovens, e lá fui responsável por organizar várias gincanas e retiros e isso me fez tomar amar estar na natureza. Durante essas gincanas realizamos trilhas diurnas e noturnas, com diferentes obstáculos: tirolesa, escalada de montes, seguindo mapas ou pistas.

Posteriormente, no ano de 2018, viajei para Bonito-Pernambuco com minha família e foi um momento gratificante, no qual pude fazer trilha entre rochas, matas, conheci a cachoeira Véu da Noiva e lá pratiquei pela primeira vez, escalada e rapel. Nesse mesmo ano, durante a graduação, tive uma experiência de viajar novamente para Bonito com meus colegas de turma e praticar atividades de aventura no Bonito EcoParque, e uma delas foi o arvorismo.

Ainda na graduação, realizei junto a minha turma no 5º período, um caça ao tesouro na UFRPE com alunos de uma escola da vizinhança para a disciplina de Gestão e organização e foi uma oportunidade incrível, na qual os alunos que participaram ficaram empolgados e disseram que nunca haviam participado de algo assim.

Esses momentos foram uma rica experiência na minha vida e, olhando pra trás, consigo perceber o porquê decidi discorrer sobre como trabalhar com práticas corporais de aventura, visto que como idealizadora de um projeto, pude sentir como essas práticas trazem benefícios: o quanto elas nos permite enxergar o outro; a contornar situações adversas; e o quanto é gratificante você ver o próximo se permitindo explorar fragilidades, trabalhar em cooperação, enfrentar medos e superá-los.

Nosso desejo é que essa pesquisa traga a reflexão sobre as práticas de aventura e que mais pessoas possam sentir essa tal liberdade, adrenalina e alegria, de forma que possa contribuir com possibilidades do trato com esse conhecimento

no contexto escolar, visto que muitas vezes não somos iniciados na graduação para tal.

Pude sentir isso no ESO 3, no qual desenvolvi, junto com outro estudante, Igor Farias, aulas de Educação Física sobre o tema esportes de aventura. No início não nos sentimos capazes de trabalhar com o conteúdo, embora quiséssemos, porque durante a graduação não tivemos subsídios para isso.

O bônus desses últimos 30 anos é que, durante muito tempo, a Educação Física focou apenas em métodos ginásticos e esportivos, o que restringiu as variações de temas e atividades práticas aplicadas nas escolas. O estudo sobre a cultura corporal do movimento abriu espaço para que mais atividades fossem incorporadas nas aulas de EFE e entre elas estão as referidas práticas corporais de aventura.

Como conteúdo da cultura corporal, as práticas corporais de aventura, segundo a BNCC, devem ser trabalhadas na escola. Porém, assim como nós, graduandos em pleno 2022, muitos professores sequer vivenciaram experiências como as minhas e talvez não se sintam seguros para tratar esse conhecimento nas aulas de Educação Física, pelo próprio risco que a prática impõe ou por falta de recursos.

Partindo destas dificuldades, proponho investigar o que vem sendo produzido sobre o assunto, pois isso nos diz muito sobre a relevância do conteúdo na comunidade acadêmica. Além disso, podemos refletir sobre o que está sendo cobrado nos currículos da educação nacional e teremos uma noção da abertura que essa prática vem tendo na escola.

Esse estudo pode ajudar a comunidade acadêmica a enxergar a necessidade de incluir esse conteúdo nas aulas de Educação Física Escolar, assim como compreender como o mesmo pode contribuir para a formação dos seus estudantes e quais os tipos de atividades são passíveis de serem trabalhadas no ambiente escolar.

Diante disso, o **problema da pesquisa** é: “Quais as possibilidades de ensino acerca das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física?”. O

objetivo geral da pesquisa monográfica é identificar e sugerir possibilidades do trato com o conhecimento acerca dos práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física Escolar.

A referida pesquisa tem método qualitativo, que se concentra na análise de dados não numéricos. Portanto, os **objetivos específicos** desta monografia são:

- a) Investigar o que os documentos reguladores da educação discorrem sobre a temática;
- b) Realizar uma pesquisa bibliográfica sobre o que a comunidade acadêmica vem produzindo sobre este tema;
- c) Apresentar possibilidades de ensino das práticas corporais de aventura na escola através de relatos de experiência vivenciados durante a graduação.

Portanto, no primeiro momento discutiremos como essa temática se desenvolveu ao longo do tempo até a importância de sua aplicação no universo escolar, fazendo uso de fundamentos teóricos (textos, literaturas) sobre o assunto proposto. No segundo momento faremos uma revisão bibliográfica sobre o que vem sendo produzido acerca da temática e se existem materiais que possam servir como possibilidade de ensino para os profissionais de Educação Física aplicarem nas escolas. No terceiro momento, iremos realizar um relato de experiência com possibilidades de se trabalhar as práticas corporais de aventura em sala de aula.

2 DA SOBREVIVÊNCIA À PEDAGOGIA: COMO SURGEM AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA ESCOLA

A origem de qualquer atividade física possui raízes, de forma hipotética ou verdadeira, nas primeiras civilizações. Visando compreender como chegamos no cenário atual, faremos uma reflexão sobre os momentos da história que influenciaram nossas práticas corporais de aventura nos dias atuais. (BAGNARA, 2010)

Começamos pela a pré-história, onde o homem sentiu a necessidade de sobreviver e para tanto precisaria se movimentar, percebeu que na inércia não se alimentaria, teria uma acolhida para descanso ou conseguiria escapar das adversidades do meio em que vivia. Foi assim, que surgiu aquilo que conhecemos como as primeiras práticas corporais: caminhar, correr, saltar, trepar, etc (BERNARDES, 2013).

Era preciso se relacionar com o meio ambiente, explorar e extrair dele condições de sobrevivência adequadas. Com isso, os homens atravessavam rios, geleiras, mares, subiam e desciam montanhas, árvores, etc. Esse é o ponto de partida para entender como surgiram as práticas corporais de aventura.

Com o tempo, o homem desenvolveu ferramentas e técnicas de caça mais quais, era possível lançar, atacar e defender (SANTOS, 2013). Esse caráter utilitário-guerreiro, como define Tubino (1993), durou até quando o homem refinou suas habilidades e conseguiu plantar e armazenar seus próprios alimentos. As constantes ameaças inimigas (daqueles que continuavam nômades) resultaram na formação de agrupamentos, que cooperaram com a produção e defesa dos seus territórios através de práticas de atividades físicas.

Masseto e Moretti (2013) relata que durante toda a história da humanidade, o homem sempre esteve em contato com a natureza. Em alguns momentos, essa relação foi muito próxima, com a das primeiras civilizações, porém, em outras, foi desigual e predatória. O que culminou esse afastamento, dentre outros fatores, foi o surgimento da indústria e da tecnologia.

Santos (2013) evidencia que os povos se apropriaram de descobertas tecnológicas que maximizavam os resultados em termos de tempo e trabalho. Embora ainda estivesse em contato com a natureza, o ser humano criou uma relação de distanciamento, se transformando numa espécie urbana.

Esse movimento urbano começa a acontecer por volta do século XVIII, com a industrialização e o capitalismo. O homem começa a manipular máquinas e passar a maior parte do tempo no trabalho, sendo explorado no seu caráter máximo. Esse meio de produção capitalista apresentava

uma nova forma de trabalho (trabalho assalariado) onde, o próprio homem tem o seu corpo transformado em mercadoria, através da venda da sua força de trabalho. O alicerce principal deste meio de produção se dá através da exploração do corpo, sendo ele a principal fonte produtiva do sistema. O corpo é considerado um mero objeto de exploração do sistema capitalista, que o utiliza para a sua continuidade, produção e reprodução (OLIVEIRA, 2013).

Aquele homem aventureiro e desbravador da era primitiva cedia espaço, cada vez mais, para o homem moderno, sobrecarregado e sem tempo para cuidar de si. “Depois da Revolução Industrial, o elo entre o homem e a natureza começa a se desequilibrar” (MASSETTO; MORETTI, 2013, p.40). Já não era mais possível praticar atividades físicas, porque todo o tempo devia ser dedicado às mudanças no modo de produção e de organização da sociedade.

Foi durante esse período que a natureza passou a ser cada vez mais explorada e os ambientes naturais modificados para dar espaço aos grandes centros urbanos, pois as pessoas necessitavam trabalhar e viver próximo a eles. Esse foi o resultado do processo de industrialização, que começou na Inglaterra no século XVIII e se espalhou pelo mundo, ao qual prometia grandes transformações sociais e econômicas, em contrapartida provocou situações como: êxodo rural, urbanização descontrolada e uma sociedade debilitada, não produtiva (OLIVEIRA, 2013).

Para além disso, o homem percebeu que morar perto do trabalho lhe pouparia tempo e daria maior qualidade de vida e foi assim que se edificaram cidades ao redor das indústrias, e com isso, diminuíram os espaços livres nos quais poderiam ser utilizados como espaços de lazer e práticas de atividades físicas.

O resultado desse grande esforço de mão de obra e pouco descanso foi uma sociedade enferma, que não garantia a força operária necessária e retorno de capital esperado, era preciso melhorar as condições de vida desses trabalhadores, modificando os hábitos de saúde e higiene (LIMA, 2015).

Essa época teve grande influência dos médicos que adotaram uma tendência higienista. Tendência que, no Brasil e no mundo, propuseram novas determinações sociais que adotavam e prescreveram a prática regular de atividades físicas como forma de corrigir más posturas e livrar a sociedade de vícios e enfermidades. O objetivo era garantir um corpo saudável, forte, disciplinado e produtivo.

Outros marcos foram importantes para o surgimento das práticas corporais de aventura, como a luta da classe trabalhadora frente a exploração da industrialização. Somente após a Revolução Industrial, diante da luta por direitos surge o chamado tempo livre que representa uma conquista da classe operária frente à exploração do capital, “ocorrendo a nítida separação entre tempo-espço de trabalho (produção) e lazer (atividades contrárias ao trabalho) enquanto tempo para atividades que se voltam para a reposição física e mental” (AQUINO; MARTINS, 2007).

O tempo livre possibilita a sociedade se reconectar com a natureza e uns com os outros, promovendo descanso, bem-estar, socialização e movimentando a população contra o sedentarismo. “Afastadas dos ambientes naturais, as pessoas são levadas a buscar alternativas, principalmente para o tempo livre. A busca por atividades de lazer explica, em parte, o interesse cada vez maior do homem por atividades que promovam aventura, inovação e desafio, e, em certa medida, imprevisto (MASSETO; MORETTI, 2013, p. 40).

Foi na década de 1970 que vieram à tona as práticas corporais de aventura. Através do exercício dessas atividades, primeiramente com um caráter de lazer, poderia-se reduzir as tensões presentes entre as relações sociais do cotidiano. Elas constituem um conjunto de atividades recreativas que surgiram nos países desenvolvidos, consolidando-se na década de 1990. Emergem como oportunidade de experimentar coisas novas, se reconectar com a natureza e praticar atividades que envolvam adrenalina. Assim, sob “o abrigo dos novos hábitos e gostos da sociedade pós-industrial, essas práticas definiram-se como alternativa emergente no tempo de ócio ativo entre as diversas ofertas lúdicas, higiênicas e competitivas relacionadas com os distintos modelos corporais existentes” (AQUINO; MARTINS,

2007, p.485). Eram praticados por homens e mulheres, muitas vezes considerados sedentários (ARAÚJO; MACEDO, 2009).

Denicolo (2017) discorre que umas das atividades de aventura pioneiras são o surfe e o montanhismo, surgidas por volta do século XVIII. Acredita-se que o surf surgiu quando os pescadores do Peru perceberam que usando uma tábua de madeira, era mais fácil chegar à margem do mar e, em pouco tempo, a prática se tornou uma fonte de lazer. “Em 1778, um conquistador inglês chamado James Cook, em expedição, conheceu o surf e o difundiu pela Europa” (SOUZA, 2013, p. 54).

A prática de aventura não tinha se originado através de cunho competitivista, mas por volta do final do século XX, época que houve uma grande ascensão dos esportes, tudo isso devido ao avanço da tecnologia e do capitalismo, a forma como praticamos as atividades sofreu uma grande mudança. A influência da sistematização e ascensão dos esportes pelo mundo, proporcionou que as práticas de aventura tivessem um caráter competitivo e não somente para lazer e diversão.

Existem duas interpretações distintas quanto à origem do esporte: a primeira vincula o surgimento do esporte a fins educacionais desde os tempos primitivos, e a segunda, entende o esporte como um fenômeno biológico, e não histórico. Embora discordem nos fundamentos, porém, as duas teorias apresentam um ponto em comum, que acabou se tornando o aspecto essencial do fenômeno esporte: competição. Assim, para que haja esporte, é preciso haver competição (TUBINO, 1993, p.13).

Tomemos como exemplo o surfe. Quando começou a ser praticado tinha uma intenção recreativa, mas quando os olhos do capitalismo e da tecnologia se voltaram para essa prática, conseguiram vislumbrar um retorno financeiro e midiático satisfatório, e logo, grande parte da população estaria surfando.

É sobre essa perspectiva que tais atividades surgem como denominação de esportes para adultos, e sua função era nomear esportes como: skydiving, surfe, montanhismo, paraquedismo, trekking, alpinismo, ciclismo de montanha e paintball.

Além disso, “a história do esporte é íntima da cultura, humana, pois por meio dela se compreendem épocas e povos, já que cada período histórico tem o seu esporte e a essência de cada povo nele se reflete” (TUBINO, 1993, p.13). Por isso,

estamos vivenciando a evolução das práticas corporais de aventura ao longo do tempo, para que faça sentido o atual momento.

Foi durante o século XX que a aventura incorporou os sentidos do esporte moderno, com características competitivas, regras institucionalizadas, transformando inclusive as bases nas quais surgiram suas primeiras manifestações como a ritualização festiva na qual emergiu o surf na Polinésia, ou a exploração geográfica do montanhismo, e das explorações às cavernas na Europa (PEREIRA, 2019, p.17).

Aos poucos todas as práticas corporais de aventura, que causavam grandes ondas de adrenalinas, ganharam essa designação, pois aumentam o nível de endorfina, serotonina e dopamina no corpo dos praticantes por causa do esforço mental e corporal nas práticas dessas atividades.

Outro aspecto relevante é que a ascensão da tecnologia possibilitou a troca cultural entre povos promovendo a participação de um número cada vez maior de praticantes e de práticas corporais de aventura seja no âmbito do lazer, do esporte ou da educação. Foi na contemporaneidade que o homem conseguiu realizar façanhas incríveis com o incremento de equipamentos de segurança, cujo benefício foi a diminuição do nível de riscos envolvidos. Além disso, temos um número cada vez maior de marcas criadas para atingir o público consumidor, como eventos esportivos para atrair a mídia e conseqüentemente promover entretenimento a sociedade (PEREIRA, 2013).

Outro ponto importante deste estudo: como essas práticas corporais adentram nas escolas? Podemos refletir que a história da humanidade sempre foi marcada pela relação da escola com outras instituições sociais, igreja, família, o estado e as fábricas. “A medida que os agrupamentos humanos se tornam mais complexos, surgem organizações especificamente encarregadas da transmissão da herança cultural, como a escola” (ARANHA, 2006, p.50).

As instituições escolares passaram por diferentes momentos, desde sua era mais tradicional, tecnicista à crítica, nos quais cada abordagem sofreu influências de diferentes teóricos, realizando assim, os seus posicionamentos didáticos. A escola era vista como “um mecanismo que adapta seus sujeitos à sociedade na qual estão inseridos” (MARSIGLIA, 2011, p. 7), e isso durou algum tempo, visto que os

interesses políticos e econômicos regiam a importância que a Educação teria na sociedade.

O surgimento dessas Instituições abriu portas para novas reflexões sobre como as escolas deveriam funcionar e a qual público elas se dirigiriam. A organização dos currículos, a divisão das fases do ensino e as matérias a serem estudadas começaram a ser discutidas. Várias reflexões surgem nesse momento sobre o que ela realmente deveria construir, no que diz respeito ao conhecimento/competência/valores, e qual seria de fato a sua missão, e ainda quais práticas pedagógicas seriam ideais e que tipo de espaço deveria ser esse.

Ainda hoje podemos observar diferentes tipos de abordagens sendo utilizadas no espaço escolar e isso modifica a nossa visão sobre o que a escola se propõe e sobre o que ela é. Segundo Marsiglia (2011) a escola pode contribuir para a formação de cidadãos que transformam o meio ou simplesmente o reproduzem e isso não depende apenas de uma figura (o professor) e sim do envolvimento da relação pais-professores-alunos.

Existem algumas formas de compreender como a escola deve ser vista, bem como o processo de ensino-aprendizagem, a relação professor-aluno, e como a metodologia e avaliação devem acontecer. Essas concepções são norteadas pelas tendências pedagógicas. Muitas vezes, os professores de um mesmo cenário educativo podem utilizar processos pedagógicos diferentes, havendo assim uma mescla de tendências utilizadas.

As teorias da Educação são divididas em: não críticas da qual faz parte a escola tradicional, a pedagogia nova e a tendência tecnicista. As crítico-Reprodutivistas, da qual faz parte a teoria da escola como violência simbólica, da escola como aparelho ideológico do Estado e da escola dualista. E as teorias Críticas, que fazem uma análise crítica da sociedade como a pedagogia histórico crítica e o construtivismo.

Essas teorias ampliam os campos de ação, meios e funções do educador, da escola e do aluno e são responsáveis por reger a forma como se conduz o processo do conhecimento.

No que diz respeito à disciplina de Educação Física, observamos que já foi muito utilizada como instrumento ideológico e de manipulação. Sempre esteve ligada às instituições militares e à classe médica, principalmente quando surge a

necessidade de discutir sobre a saúde das pessoas que trabalhavam na linha de produção, no processo de industrialização e urbanização. Por muito tempo sofreu influência, além do patriotismo e higienismo, também da esportivização e competição.

Até a modernidade o uso das práticas corporais de aventura na escola era desconhecido, as práticas mais utilizadas eram ginástica e esportes, visando um caráter mais competitivo. Para romper com esse modelo mecanicista, surgiram as Abordagens Pedagógicas da Educação Física Escolar. Essas Abordagens podem ser definidas como movimentos que buscam renovação da teoria e prática com o objetivo de estruturar o campo de conhecimentos específicos da Educação Física. Segundo Brasil (1998) busca-se uma Educação Física que articule as múltiplas dimensões do ser humano, cuja ideia ultrapasse a visão de que o corpo se restringe apenas ao biológico. O trabalho do docente, nesta área, então deve buscar:

ao invés do condicionamento à ordem social, formar um aluno crítico e participativo; ao invés do adestramento físico, a compreensão e uso sadio do corpo; ao invés do esporte-espetáculo e ufanista, o esporte educativo; ao invés da disciplina imposta e da repetição mecânica de ordens do professor, o autodomínio, a formação do caráter, a autovalorização da atividade física; ao invés do corpo-instrumento, o corpo como ser social (GHIRALDELLI, 1991, p.14).

As Abordagens Pedagógicas para Educação Física têm por objetivo fazer com que as aulas de Educação Física deixem de ser apenas “rola bola” ou fazer por fazer, para que incluam uma intervenção planejada do professor quanto ao conhecimento, explicando o que está por trás do fazer, além dos valores e atitudes envolvidos na prática da cultura corporal. Essas abordagens dão um novo sentido à prática docente e nos mostram que o professor não entra em sala só para ensinar. Através das inúmeras realidades, ele tem a oportunidade de trocar experiências, ampliar sua visão de mundo, conhecer novas realidades e ser um formador de opiniões.

Os métodos de ensino sobre um conhecimento se modificam em cada abordagem e cabe ao professor conduzi-la da melhor forma possível, através de planejamento, pesquisa, e observações para que o resultado do processo *professor/aluno/conhecimento* alcance novos patamares.

Compreendemos a Educação Física na Escola através de uma pedagogia histórico-crítica, na qual o ensino desta disciplina engloba a Cultura Corporal do

movimento. E é a partir desse momento mais crítico que as PCA ganham espaço e discussão na comunidade acadêmica.

A contemporaneidade vem se encarregando de fazer com que essas práticas tornem-se um conteúdo cada vez mais acessível no universo escolar. Isso se deve a ascensão, cada vez maior, da tecnologia, que gera capital e mídia para certas práticas corporais de aventura. Além disso, as práticas corporais de aventura começam a aparecer nas novas regulamentações de documentos, como as políticas de educação e suas matrizes curriculares nas redes de ensino, como referência fundamental, fazendo parte dos projetos político-pedagógicos das escolas, dos currículos e formação dos professores.

2.1 Os múltiplos olhares sobre as Práticas de Aventura

Ao vivenciar situações fora do comum, nos enchemos de epinefrina e serotonina, hormônios liberados na corrente sanguínea que deixam nosso corpo em alerta para situações de fortes emoções como também felicidade. Esse é o estímulo que, quando criança, precisamos para explorar nosso corpo cada vez mais e desenvolver habilidades e técnicas para realizar movimentos de formas mais aptas e seguras. Começamos a escalar a cama, depois a escalar grades e pasmem, que em pouco tempo, logo estaremos subindo em árvores. Assim, a aventura nasce no ser humano assim que nós nascemos e entramos em contato com o mundo, pois a partir daí “estamos sujeitos aos problemas e contratemplos que a vida oferece, ou seja, correr riscos é uma condição inerente a qualquer ser vivo” (VIEIRA; CARVALHO, 2019, p.61).

Esse contato corpo/natureza/riscos foi o marco inicial das práticas de aventura, e associado a isso, vem um conjunto de sensações que elas nos proporcionam. Sabe aquele joguinho viciante que precisa de uma continuação? As práticas corporais de aventura são assim, muitas delas exigem uma experiência de prática contínua para aperfeiçoamento, como também podem ser únicas: aquele momento em que realizamos algo que nos marcam para sempre.

Ao praticar uma atividade que nos desafia, muitas vezes ligamos o alerta do perigo e pensamos: certo, isso pode ser arriscado, que movimentos posso fazer para conseguir realizar o que desejo? Ou que equipamentos posso usufruir para me manter em segurança? Esse tipo de prática estimula nossa criatividade na busca por desenvolver feitos incríveis, aguçando nosso cérebro na resolução de problemas.

Vieira e Carvalho (2019) nos mostram que foi pensando dessa forma que o homem encontrou a solução para diversas situações, visto que quando tratamos de aventura surge sempre o conceito do perigo. Era preciso tornar algumas práticas mais seguras e para isso, criaram-se os equipamentos de segurança, que possibilitam que o praticante explore cada vez mais a prática, buscando novos desafios.

Quando surgiram as primeiras práticas de aventura, as mesmas foram denominadas de esportes para adultos, como: skydiving, surfe, montanhismo, paraquedismo, trekking, alpinismo, ciclismo de montanha e paintball. Posteriormente todo tipo de atividades “cujos elementos centrais eram o risco, a emoção, o desafio às leis da natureza, começavam a surgir e a despertar um sentimento de liberdade em seus praticantes. A esses esportes deu-se o nome de Esportes Radicais” (SILVA et al; 2019, p.39).

Existem, atualmente, diversas terminologias utilizadas para se referir ao mesmo fenômeno aventura e seus desdobramentos (esportes radicais, turismo de aventura, esporte de aventura, turismo esportivo, esportes na natureza etc.). A falta de consenso terminológico aumenta à medida que a demanda por tais atividades também aumenta (BERNARDES, 2013, p.23).

Triani e Telles (2019) ainda evidenciam outras terminologias como: esportes californianos, esportes radicais de ação, esportes radicais de aventura, esporte de aventura, esportes na natureza, atividade física na natureza, atividade de aventura e práticas corporais de aventura. À medida que os estudiosos pesquisam o assunto novas expressões surgem ou são reforçadas.

E isso nos mostra o quanto ainda precisamos compreender esse fenômeno, porém trata-se de algo tão vasto e recente que se torna complicado ainda não termos definido um termo específico para tratar desse tipo de prática.

Porém, dentre um universo de conceitos possíveis, optou-se nesse trabalho designá-las de acordo com o proposto por Tahara e Darido (2016); Inácio e Extremera (2020) e pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

Tahara e Darido (2016) evidenciam que existem diferentes definições para esse tipo de atividade, mas que todas elas têm o mesmo objeto de estudo. Entretanto, os autores optam por chamar de práticas corporais de aventura e frisam a importância de atrelar essas práticas ao contexto das aulas escolares.

Inácio e Extremera (2020) discorrem que as PCAs são o conceito pelo qual vêm sendo tratadas algumas expressões da cultura corporal de movimento que se apresentam com características distintas dos esportes tradicionais, mais detidamente daqueles (basquetebol, futsal, voleibol e handebol) que se repetem há décadas na EFE brasileira.

Portanto, nossa visão sobre essas práticas se distanciam do termo “esporte” uma vez que “para que haja esporte, é preciso haver competição” (TUBINO, 1993, p.13). Enxergamos tais atividades da forma que surgiram, como práticas, um “ato ou efeito de praticar algo” de forma exploratória, e não com um viés esportivo-competitivista.

De acordo com isso, defendemos neste trabalho, a terminologia PCA que busca favorecer o aprendizado, o estudo, o conhecimento e a experiência de novas possibilidades de atividades que podem ser desenvolvidas e apreciadas no ambiente escolar. Entretanto, isso não nos impede de trabalharmos essas atividades de forma esportiva com características competitivas e regras institucionalizadas.

Essa explosão de termos se deve sobretudo ao grande *boom* do esporte moderno no século XX, transformando manifestações de aventura que tinham uma característica de lazer ou festiva, como o surfe, em atividades olímpicas (Pereira, 2019). Esse processo vem acontecendo com diversas práticas de aventura ao longo dos anos, como: o skate, a escalada, a canoagem, a vela que integraram as Olimpíadas de Tóquio 2020.

Atualmente é raro você encontrar uma prática corporal de aventura que já não tenha federações, campeonatos sendo vivenciada de acordo com os interesses do:

esporte espetáculo, da mídia e da profissionalização em eventos globais, em detrimento do interesse dos praticantes por políticas públicas que levem em conta seus desejos, suas necessidades e realidades concretas, pois quantias vultosas são investidas em atividades, que, na maioria dos casos, não deixam legado algum à população (PEREIRA, 2019, p. 110).

Piovan (2013) ressalta que essas práticas têm sido vislumbradas como uma opção aos lazeres físicos esportivos consumistas, capitalistas, o que leva a terminologias como turismo de aventura e turismo esportivo e que, embora permitam essa tal superação individual, também abrem oportunidade para o desenvolvimento de um lazer mais humanizado, colaborativo, ambientalmente adequado, solidário.

No que diz respeito ao último termo, aventura, compreendemos como uma experiência que “se constitui em colocar à prova competências e capacidades próprias, nas quais o risco e o perigo podem ser avaliados e medidos” (MARINHO, 2013, p.32). A essas pessoas atribuímos a denominação de aventureiros. São aqueles que sentem o desejo de experimentar algo novo, emoções prazerosas através de atividades lúdicas que podem proporcionar o limiar entre a realidade e a possibilidade (MARINHO, 2013). A autora ainda frisa que o grau de aventura de uma prática é relativo e pode variar de pessoa para pessoa.

Contudo, consideramos como Práticas Corporais de Aventura, as atividades nas quais o praticante pode explorar seu corpo, em ambientes naturais ou urbanos, frente a desafios, riscos e emoções na sua relação com o meio e que tenham um caráter educacional e de lazer.

2.2 Práticas Corporais de Aventura- PCAs: conceitos e classificações

A história da humanidade no informa que a relação do homem com a natureza passou por momentos de afastamento e aproximação. Mais recentemente isso tudo acontecia mediante momentos de repressões (políticas, religiosas, sociais) que tornavam o ser aventureiro em mão de obra capitalista, e tornava os grandes espaços de lazer em centros industriais - urbanos.

A relação da prática de atividades físicas, como as de aventura, com o homem também sofreu coibição e o que ditavam as regras de boas condutas e de como o corpo deveria ser visto por muito tempo foi a igreja, até que movimentos como o Iluminismo e a era contemporânea, vieram nos fazer refletir que esse contato do homem com a natureza e a prática de atividades físicas podem proporcionar às pessoas

maior condição para melhorar seus níveis de vida, no sentido de experimentar sensações prazerosas e relevantes para seu enredo psicológico. Além disso, elas oferecem a possibilidade de vivenciar sentimentos de prazer, alegria, superação e sensação de capacidade, em função de suas características que promovem a ampliação do senso de limite, de liberdade e da própria vida (RIBEIRO, 2013, p.34).

Além dos aspectos psicológicos, também têm grandes ganhos físicos, motores, culturais, interpessoais significativos que podem contribuir para uma vida mais saudável e longa.

Marinho (2013) expõe que diversos foram os motivos que levaram o ser humano a procurar por práticas de aventura. Muitas delas têm relação com aspectos sociais, mas as questões emocionais são muito fortes. O que nos levaria a buscar o imprevisível? Com certeza a experiência de poder sair da zona de conforto e se arriscar, buscar novos sentidos e significados para a vida: mais emoção!

A busca pela aventura, daquilo que está por vir, pode promover redução de tensões na relação com a sociedade, ocupação do tempo livre, servir como alternativa para uma rotina monótona, como também proporcionar a sensação de nos sentirmos heróis ao realizar um feito surpreendente.

Uma emoção primária que envolve frequentemente as práticas de aventura é o risco, “os riscos são uma causa concreta que despertam medo, sendo útil para preservar a vida” (MASSETO; MORETTI, 2013, p.50). Esse risco é uma manifestação inerente daquilo que é considerado como esportes radicais e que é importante que esse confronto do praticante com o risco ocorra pois, só assim, podem assimilar os valores vivenciais que se extraem dessa experiência (ARMBRUST; SILVA (2012).

Quando ativamos o sinal do medo, nosso corpo se prepara para lutar ou fugir e isso provoca no nosso organismo reações fisiológicas, nos preparando para tal ação. Ainda que de forma controlada, ao praticarmos atividades de aventura, muitas vezes, nos sentimos mais destemidos. Elas podem servir como meio para superação de obstáculos; geração de laços interpessoais - quando vivenciada no coletivo; aumento de autoconfiança - à medida em que vamos vencendo os desafios; elevação da capacidade para enfrentar novos desafios, seja no ambiente de prática corporal, como também na vida de maneira geral (BERNARDES, 2013).

É certo que as PCAs emergem em um cenário mais natural, explorando espaços físicos como montanhas e mares, mas logo o homem urbano também encontra possibilidades de realizar práticas de aventura no espaço modificado. O surgimento de equipamentos de segurança motivam a aparição de novas formas de práticas, como também do grau de dificuldade. O aventureiro tem em suas mãos a possibilidade de explorar espaços e realizar feitos surpreendentes, como descer em uma mega rampa de skate de 30 metros; surfar ondas gigantes; escalar montanhas que eram inacessíveis; entre outros.

As atividades de aventura podem ter característica recreativa (lazer), como também ser de rendimento (competitivas). Os ambientes em que as PCAs podem ocorrer, tem interação com o meio natural ou artificial, e se desenvolvem na água, na neve, na terra e no ar. Considerando as práticas aquáticas, aéreas e na neve como mais naturais e as terrestres contam com algumas práticas em ambiente modificado (urbano).

Entretanto, são raras as práticas de aventura que ainda dispõe de uma natureza apenas recreativa. São praticadas por diferentes faixas etárias (crianças, jovens e adultos) e uma das grandes responsáveis por essa revolução na forma de como enxergá-las foi, sem dúvidas, a grande visibilidade midiática que ocorre no século XXI, atraindo mais praticantes, patrocinadores e capital.

Consideramos como práticas de aventura aquáticas aquelas nas quais o praticante as executa em contato com a água (rios, mares, lagos, etc), seja em barcos, pranchas ou quaisquer outras embarcações. As práticas de aventura aquáticas trazem alguns benefícios como: ampliação da confiança, aumento da

resistência, ganho de força muscular, e uma grande sensação de bem-estar e integração com a natureza. Muitas dessas práticas aquáticas tem no surfe o seu principal protagonista. São exemplos de atividades aquáticas: bóia cross, *bodyboard*, canoagem, *dive cave*, *jet ski*, mergulho, *rafting*, surfe, *windsurf*, *wakeboard*. Outras práticas mais modernas são: *kitesurf*, *flyboard*, *stand up*, *aquaball*, *skimboard*. Dentre as atividades aquáticas mencionadas acima, apenas o bóia cross, *dive cave* e mergulho são práticas exclusivas de lazer. A grande maioria dessas PCAs são também práticas esportivas, pois compõem campeonatos mundiais e brasileiros (*jet ski* e *stand up*).

Embora não seja uma realidade no Brasil, as práticas corporais de aventura também podem ser praticadas na neve, através do uso de pranchas, esquis e motos de neve. As práticas mais comuns são: snowboard, salto de esqui (*ski jumping*), snowmobile, snowcross, shovel racing, ice climbing, heli skiing, snowkiting, speed flying.

As atividades de aventura aéreas são realizadas no ar ou em alturas e exigem muito dos músculos dos praticantes, pois durante o salto há necessidade de se manter a estabilidade, já que a força do vento em uma queda livre é bem grande. Além disso, podem proporcionar benefícios de relaxamento, controle de ansiedade e redução do estresse, que são resultados pós-salto, graças ao pico de adrenalina que ocorre durante a aventura.

São exemplos dessas atividades: asa delta, balonismo, paraquedismo, parapente, arvorismo, *base jumping*, *wingsuit*, *rope swing*, *sky surf*. Dentre tais práticas, permanecem com condição de lazer, o arvorismo, *sky surf* e *rope swing*. Ainda podem ser consideradas como práticas de aventura em altura (que possuem a base fixa em alguma extremidade do solo), as seguintes: *bungee jumping*, tirolesa, *slackline*, *waterline* e práticas de aventura verticais (que não são necessariamente aéreas, porém também são praticados nas alturas) nas quais contemplam: alpinismo, escalada e rapel, cachoeirismo. Dentre essas apenas o *bungee jumping*, tirolesa e alpinismo não possuem competições. Ainda não existe uma classificação exata sobre as práticas de aventuras verticais, mas elas podem ser consideradas tanto aéreas como terrestres, dependendo da interpretação.

As práticas corporais de aventura terrestres tem como benefício a melhora da resistência física, fortalecimento muscular, emagrecimento, senso de direção, melhora das relações interpessoais. Elas podem ser consideradas, quanto ao ambiente: na natureza e urbanos. As urbanas são: *skate*, ciclismo, *parkour*, *downhill* urbano, *hoverboard*, *waveboard*. As práticas na natureza são: *trekking*, montanhismo; *mountain bike*; *bicicross*, espeleologia, moto cross, *off road*, patins, caminhada de orientação. Dessas, apenas a espeleologia não apresenta performance competitiva.

Dentre as PCAs mencionadas nesse capítulo, compõe participação nas Olimpíadas as seguintes práticas: escalada esportiva, surfe, canoagem, skate e *BMX freestyle*. A canoagem é um esporte disputado em Jogos Olímpicos desde a edição de 1936 em Berlim. Duas disciplinas da canoagem são disputadas nas competições olímpicas: velocidade e slalom, sendo a última incluída no programa nos Jogos Olímpicos de 1972.

Já o surfe, escalada esportiva e *skate* inauguraram sua participação nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 2020 e tiveram uma grande repercussão no Brasil e no Mundo, com participação de jovens talentos de apenas 13 anos de idade conquistando medalhas de ouro no skate. A participação do Brasil no surf também foi significativa.

2.3 As Práticas Corporais de Aventura - PCAs e a Educação Física: uma aproximação possível

Buscando compreender se há uma aproximação possível entre as práticas corporais de aventura e a Educação Física, precisamos refletir sobre a evolução educacional que nossa sociedade vivenciou em suas teorias de educação e abordagens pedagógicas de ensino, pois elas norteiam o processo de ensino abrindo portas para possíveis temáticas no ambiente escolar que são reflexos de práticas que estão em ascensão na sociedade.

A escola seria então um laboratório da vida no qual podemos pesquisar, estudar e discutir sobre temas importantes da sociedade atual e a passada, buscando também meios de superação para diferentes circunstâncias, sobre como

podem nos impactar e modificar nossas vidas. É um espaço de trocas de informações que nos permite aprender uns com os outros. E muito já foi discutido, no decorrer do tempo, sobre qual modelo de ensino levava os estudantes a aprender melhor. O modelo tradicional de ensino deu origem a várias abordagens que se opunham ao tipo de metodologia, utilizado pela referida escola. Cada abordagem sofreu influências de diferentes teóricos, realizando assim, os seus posicionamentos didáticos.

Ainda hoje, podemos observar diferentes tipos de abordagens sendo utilizadas no espaço escolar e isso modifica a nossa visão sobre o que a escola se propõe e sobre o que ela é. Existem algumas formas de compreender como a escola deve ser vista, bem como o processo de ensino-aprendizagem, a relação professor-aluno, e como a metodologia e avaliação devem acontecer. Essas concepções são norteadas pelas tendências pedagógicas.

Isso tem muito haver como trabalhamos a Educação Física na escola, o que pretendemos com tais práticas e que tipo de metodologia e métodos didáticos utilizaremos nas aulas.

Foi através do estudo da Educação Física em diferentes abordagens que surgiu a ampliação e inserção de práticas corporais distintas na escola, mas essa inclusão não aconteceu somente por isso. As atividades corporais acompanharam todo o processo de mudança cultural da sociedade e muitas práticas corporais como as de aventura vêm ganhando força e visibilidade nos últimos 30 anos.

A importância dessas atividades na vida do homem é vital há muitos séculos e esses sonhos considerados impossíveis como andar na água, no meio das montanhas, de explorar novos lugares, de voar, levou a sociedade a utilizar mecanismos, hoje disponíveis, para almejar o que antes era inalcançável. A Evolução das PCAs foi um fenômeno natural e verdadeiro de pessoas que realmente amavam o que faziam.

A expansão das atividades de aventura é notória, devido também a grande influência da mídia e a grande aceitação do público jovem. Esses fatores contribuíram para que o surf, a escalada esportiva e o skate estivessem pela primeira vez participando de uma Olimpíada.

O grande sucesso dessa estreia vem ampliando as discussões sobre as possibilidades de aplicação das práticas corporais de natureza nos conteúdos da

Educação Física Escolar, visando propiciar novas vivências sobre a ótica da aventura, fenômeno este reconhecido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) pouco ministrados, até então, no âmbito da escola.

Esses estudos nos fazem olhar para a Educação Física a partir de uma proposta mais crítica e reflexiva e precisamos concordar que não dá mais para contar apenas com a maciça presença dos esportes tradicionais nas aulas de Educação Física. Compreendê-la a partir de um conhecimento da cultura corporal é importante, pois “no caso da Educação Física, quanto maior e mais aprofundado o leque de conhecimentos adquiridos no decorrer da Educação Básica maior será a autonomia desse jovem na escolha apropriada das atividades físicas para o resto da sua vida” (FRANCO, 2013, p.210).

Sabemos que a inclusão dessas práticas nos currículos escolares já é um grande marco e que demandou um processo árduo de estudos e discussões. Não se trata de romper com as práticas tradicionais, mas de agregar a elas novas formas de se movimentar e de explorar os espaços.

Não se pode negar que, na maioria das vezes, os esportes, comumente trabalhados na escola, como aqueles que se inserem na categoria de esportes coletivos, conseguem dar conta de atender ao gosto de uma boa parcela dos formandos da educação básica. No entanto, não se pode desconsiderar que esses alunos devem, e têm o direito, de receber muitos outros conhecimentos presentes na Cultura Corporal de Movimento e assim, aumentar seus conhecimentos, experiências e possibilidades de escolhas (PAIXÃO, 2017, p.171).

Embora conste como conteúdo a ser tratado na EFE, uma pesquisa realizada por Tahara e Darido (2018) teve como objetivo traçar um diagnóstico junto aos professores de Educação Física da rede municipal e estadual de ensino de Ilhéus/BA, a respeito da abordagem do conteúdo referente às Práticas Corporais de Aventura (PCA). A referida pesquisa nos mostra que muitos professores não ministram essas atividades por diversos fatores, entre eles: a falta de conhecimento sobre a área, devido não ter sido ofertado na formação inicial; ou por causa das limitações encontradas no que diz respeito a equipamentos e estrutura, assim como dá possibilidades de acidente.

Embora o risco seja uma manifestação real da prática dessas atividades, é importante lembrar que existe uma necessidade de que “as pessoas se confrontem com ele para, só assim, poderem assimilar os valores vivenciais

que se extraem dessa experiência” (Armbrust, 2012, p. 283). Além do mais, já podemos dispor de vários recursos de segurança para evitar acidentes.

Logo, é real a necessidade da inclusão das PCAs no matrizes curriculares dos cursos de graduação em Educação Física, para que o professor enquanto regente, no âmbito escolar, de atividades de aventura estejam capacitados e encorajados a experimentar a vivência de praticar, interpretar e ministrar aulas sobre o conteúdo, com segurança e responsabilidade. Temos descoberto que é possível aplicar as PCAs nas aulas de Educação Física e já existem diversos estudos sobre como geram um impacto positivo na vida dos estudantes, seja de forma individual ou coletiva.

Quando vivenciada no coletivo, pode ser uma espécie de aventura compartilhada, podendo ser capaz de gerar laços interpessoais mais estreitos entre aqueles indivíduos que se unem em busca de um fim comum, como na superação de obstáculos desafiadores do meio natural (MASSETTO; MORETTI, 2013, p.51).

Ainda destacamos que “esse tipo de experiência traz ao praticante a possibilidade de experimentar sensações prazerosas importantes para seu crescimento psicológico, como prazer e alegria, que podem ajudá-lo a ampliar seu senso de liberdade” (MASSETTO; MORETTI, 2013, p.51). No mais, esse conteúdo nos oferece um leque de oportunidade para trabalhar temas transversais como respeito e preservação do meio ambiente, questões de gênero, inclusão, respeito às diferenças e limites do outro, bem como cooperação, desenvolvimento de diversas habilidades motoras, superação dos próprios limites, entre outros.

Além dessas possibilidades de intervenção, o tema ainda pode ser trabalhado na dimensão competitiva e não competitiva, explorando o turismo de aventura e suas diversas possibilidades na região em que habitamos, rendendo passeios e oportunas discussões sobre o processo de lazer e da esportivização no país e no mundo, sobretudo na escola.

A inclusão das atividades de aventura na grade curricular nos conteúdos das aulas de Educação Física Escolar oferecem um campo vasto de muitas possibilidades. Esperamos que esse conhecimento não seja mais negado aos nossos estudantes, assim como foi negado a muitos de nós.

2.4 As Práticas Corporais de Aventura e os documentos reguladores do ensino

Os documentos norteadores da educação, enquanto políticas educacionais, auxiliam o estado, município, escolas e professores nos processos de reflexão, planejamento e prática pedagógica em todas as escolas do país. Entre os principais documentos encontram-se: os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN'S e a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, reunindo os referenciais que buscam direcionar para a consolidação da educação de qualidade.

Neste capítulo iremos observar o que dizem os documentos básicos da educação sobre as práticas corporais de aventura em sala de aula. Há algum tempo a Educação Física vem sendo irrigada de temas socioculturais em ascensão e é a partir desses desdobramentos que novas oportunidades de conteúdos vem surgindo na base curricular de ensino, apoiado por documentos que regulam a educação do País.

Mas é num contexto sociocultural e, portanto, também escolar, bem atual, no qual as PCA vêm aparecendo como um conteúdo inovador e motivacional frente a uma EFE que parece não apresentar os resultados que dela se esperam; deste processo se observam algumas ações significativas, tais como a consolidação da Base Nacional Comum Curricular (INÁCIO; EXTREMERA, 2020 p.126).

Alguns desses contextos foram a participação de modalidades de aventura nos Jogos Olímpicos, a busca pelo prazer e sentimentos de liberdade, o aumento de problemas emocionais na sociedade contemporânea, a influência da mídia, etc. Esse avanço é gratificante e mostra que a inserção dessa temática nas escolas é um reconhecimento das mudanças sociais existentes na realidade do século XXI.

Na LDB – Lei no 9.394/1996 consta que a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da Educação Básica, formada pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Nos PCN's, a Educação Física é contemplada na área de Linguagens e suas tecnologias. São competências da Educação Física o ato de demonstrar autonomia na elaboração de atividades corporais, assim como capacidade de discutir e modificar regras, reunindo elementos de várias manifestações de movimento e estabelecendo uma melhor utilização dos conhecimentos adquiridos sobre a cultura

corporal; interesse pelo surgimento das múltiplas variações de atividades física; bem como compreender as diferentes manifestações da cultura corporal.

Nesses dois primeiros documentos não vemos nenhuma relação direta com a prática corporal de aventura, mas podemos constatar alguns encaminhamentos para o trato com uma nova forma de praticar atividades físicas e do espaço que elas podem ter no ambiente escolar.

No estudo de Dornellas, Neves e Mayor (2021) foi possível detectar que o único documento normativo oficial da educação, a nível nacional que faz menção às práticas corporais de aventura, é apenas a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), porém há nos mais diversos estados, propostas curriculares de conteúdo comum para diferentes segmentos que também trabalham o uso das PCAs nas escolas.

A BNCC tem por finalidade nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, e contém objetivos de aprendizagem e de desenvolvimento que devem servir de referência para as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil.

De um lado, ela deve produzir e explicitar aqueles princípios educacionais que assegurem uma base comum para a educação nacional ao mesmo tempo em que abre espaço para a inclusão de componentes formativos relacionados às características e demandas culturais específicas das diversas regiões do país, oferecendo assim bases diferenciadas de perfil local (SEVERINO; PEREIRA; SANTOS, 2016, p.).

No que concerne a Educação Infantil, a Educação Física pode estar associada ao campo de experiência “Corpo, gestos e movimentos”, tendo como objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

- (EI01CG02) Experimentar as possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes
- (EI02CG02) Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas

No que tange ao Ensino Fundamental, a Educação Física se apresenta na área de linguagens que é composta pelos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e, no Ensino Fundamental – Anos Finais, Língua Inglesa.

Segundo a BNCC:

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (BRASIL, 2015, p. 213).

A proposta compreende que a oferta de diferentes práticas corporais possibilita ao sujeito se enriquecer de conhecimentos e experiências, porém se mostra-se contraditória quando nega o estudo das práticas corporais de aventura para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental anos iniciais. Não seria esse um tema importante para tal público? Será que o contato com a natureza e com práticas que estimulam o amadurecimento do desenvolvimento motor não são importantes para as crianças?

No mais, cada uma das práticas corporais tematizadas compõem uma das seis unidades temáticas abordadas ao longo do Ensino Fundamental. As práticas corporais de aventura tem uma unidade temática solo, que é a última a ser trabalhada. A BNCC destaca que essas práticas:

exploram-se expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador. Algumas dessas práticas costumam receber outras denominações, como esportes de risco, esportes alternativos e esportes extremos. Assim como as demais práticas, elas são objeto também de diferentes classificações, conforme o critério que se utilize (BRASIL, 2018, p. 218).

Neste documento, optaram por diferenciá-las, de acordo com o ambiente em que são praticadas: na natureza e urbanas.

As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, como em corrida orientada, corrida de aventura, corridas de mountain bike, rapel, tirolesa, arborismo etc. Já as práticas de aventura urbanas exploram a “paisagem de cimento” para

produzir essas condições (vertigem e risco controlado) durante a prática de parkour, skate, patins, bike etc (BRASIL, 2018, p.218-219).

Logo abaixo, podemos observar os objetos de conhecimentos que são sugeridos para as turmas de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental:

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	
	6º E 7º ANOS	8º E 9º ANOS
Brincadeiras e jogos	Jogos eletrônicos	
Esportes	Esportes de marca Esportes de precisão Esportes de invasão Esportes técnico-combinatórios	Esportes de rede/parede Esportes de campo e taco Esportes de invasão Esportes de combate
Ginásticas	Ginástica de condicionamento físico	Ginástica de condicionamento físico Ginástica de conscientização corporal
Danças	Danças urbanas	Danças de salão
Lutas	Lutas do Brasil	Lutas do mundo
Práticas corporais de aventura	Práticas corporais de aventura urbanas	Práticas corporais de aventura na natureza

Fonte: Base Nacional Comum Curricular.

Para o 6º e 7º ano do EF, espera-se as seguintes habilidades:

- (EF67EF18) Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura urbanas, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais.
- (EF67EF19) Identificar os riscos durante a realização de práticas corporais de aventura urbanas e planejar estratégias para sua superação.
- (EF67EF20) Executar práticas corporais de aventura urbanas, respeitando o patrimônio público e utilizando alternativas para a prática segura em diversos espaços.
- (EF67EF21) Identificar a origem das práticas corporais de aventura e as possibilidades de recriá-las, reconhecendo as características (instrumentos, equipamentos de segurança, indumentária, organização) e seus tipos de práticas.

Já para o 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, propõe-se:

- (EF89EF19) Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura na natureza, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais, respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos de degradação ambiental.
- (EF89EF20) Identificar riscos, formular estratégias e observar normas de segurança para superar os desafios na realização de práticas corporais de aventura na natureza.
- (EF89EF21) Identificar as características (equipamentos de segurança, instrumentos, indumentária, organização) das práticas corporais de aventura na natureza, bem como suas transformações históricas.

No Ensino Médio, a BNCC segmenta os conteúdos em unidades específicas, sendo a Educação Física a quinta unidade. A competência se caracteriza por:

- Compreender os processos de produção e negociação de sentidos nas práticas corporais, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade

Com isso espera-se que o jovem apresente uma compreensão aprofundada e sistemática acerca da presença das práticas corporais em seus aspectos sociais, culturais, ideológicos, econômicos e políticos, de forma a construção da própria identidade, autoconhecimento e propagação de valores democráticos.

O conjunto de práticas corporais são: os jogos e brincadeiras, danças, lutas, ginásticas, esportes e atividades corporais de aventura, nas quais as habilidades são:

- (EM13LGG501) Selecionar e utilizar movimentos corporais de forma consciente e intencional para interagir socialmente em práticas corporais, de modo a estabelecer relações construtivas, empáticas, éticas e de respeito às diferenças.
- (EM13LGG502) Analisar criticamente preconceitos, estereótipos e relações de poder presentes nas práticas corporais, adotando posicionamento contrário a qualquer manifestação de injustiça e desrespeito a direitos humanos e valores democráticos.

- (EM13LGG503) Vivenciar práticas corporais e significá-las em seu projeto de vida, como forma de autoconhecimento, autocuidado com o corpo e com a saúde, socialização e entretenimento

O trabalho das PCAs, de acordo com a BNCC, pode estar atrelado a temas transversais como o meio ambiente, natureza, o cuidado com o seu corpo, o do próximo e as normas de segurança. Também podemos ver o incentivo à elaboração de adaptações para a prática de atividades de aventura no ambiente escolar.

Esse é o primeiro documento federal que buscou sistematizar o ensino das práticas de aventura nas escolas brasileiras e convenhamos, que ainda há muito o que incluir, porém mediante avanço dessas atividades no cenário do século XIX, é um passo importante para ampliar o conceito da cultura corporal do movimento.

Sabemos que nenhum conhecimento pode ser engessado e imutável, caso contrário não estaríamos discorrendo sobre esse tema. Embora a BNCC proponha um conteúdo sistematizado do ensino das PCAs no ensino fundamental anos finais e ensino médio, ainda é breve (devido ao tempo que temos para trabalhar o componente curricular) e limitado (para algumas turmas do fundamental e médio). Defendemos o fato de que esse conteúdo seja trabalhado desde a pré-escola, pois tem muita conexão com as fases do desenvolvimento de habilidades infantis como: trepar, descer, saltar, etc.

Também afirmamos que seria uma oportunidade muito mais rica se, no decorrer dos anos escolares, o estudante tivesse contato com diferentes práticas corporais de aventura e pudesse, já ao fim do Ensino Médio, significá-las para várias áreas de sua vida.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta etapa da monografia, pretende-se descrever os caminhos metodológicos adotados ao longo da pesquisa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois possibilita tanto a compreensão, como a interpretação de um fenômeno (Menezes, 2019). Quanto ao tipo de procedimento de coleta, é bibliográfica, uma vez que fez uso de fontes bibliográficas como livros, publicações periódicas, artigos científicos

Quanto aos objetivos, o estudo é composto por uma pesquisa exploratória. Este tipo de pesquisa “ajuda o pesquisador a compreender ou aprimorar o conhecimento sobre um determinado assunto, de modo que, após o seu término, seus resultados possam levar a outras pesquisas com novas abordagens.” (Menezes et al, 2019, p.34)

Esse método de pesquisa é útil para ambientar os leitores ao tema, ou seja, dar-lhe uma visão macro de algo que é estudado. Entendemos que esta pesquisa é exploratória à medida que se propõe a “explorar” um tema “novo” no ensino da Educação Física, qual seja, as práticas corporais de aventura. Embora já existam algumas propostas, ainda iniciais e/ou em desenvolvimento, que envolvem as práticas corporais de aventura na escola, esse é um campo de trabalho ainda recente e que tem ganhado espaço na comunidade acadêmica a pouco tempo.

Neste trabalho, analisamos literaturas e artigos científicos, a fim de identificar trabalhos que buscaram desenvolver uma proposta de práticas corporais de aventura na escola, o que implica, em outras formas de Ensino da cultura corporal da Educação Física. A fundamentação teórica teve como base o estudo de documentos de autores como, por exemplo: Bernardes (2013), Pereira (2019), Tahara e Darido (2016) no que tange às práticas corporais de aventuras ou atividades de aventura.

Esta pesquisa se propôs a investigar o tema das práticas corporais de aventura buscando identificar as possibilidades do trato com o conhecimento na Educação Física Escolar. Para tanto, os critérios de seleção se baseiam em artigos, documentos registrados e publicados em bases de dados reconhecidas da literatura científica como o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Portal CAPES/MEC). Foi feito o uso de descritores como **“Práticas corporais de aventura na escola”**, **“Esportes Radicais nas escolas”**, **“Atividades de aventura na escola”**, e selecionados apenas o que atendesse ao desta pesquisa que é pautado nas possibilidades de ensino das práticas corporais de aventura no ambiente escolar. Na sequência são apresentados dois relatos de experiências, a partir de situações vivenciadas durante a graduação do curso de Licenciatura em Educação Física, que podem ser válidas como possibilidades de ensino das práticas corporais de aventura na escola.

4 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Diante da pesquisa de produções significativas sobre as práticas corporais de aventura na escola, será apresentado neste tópico aquelas que podem contribuir com o objetivo geral deste trabalho e que podem ampliar o conhecimento sobre o tema. Esta revisão bibliográfica também será importante para observar o “estado da arte” sobre os estudos sobre as PCAs pela comunidade acadêmica, uma vez que a quantidade de artigos produzidos sobre o tema pode nos ajudar a compreender se as produções sobre tais práticas na escola estão sendo estudados e discutidos. Mediante leitura, também sugerimos bibliografias que tragam perspectivas de ensino das práticas corporais em sala de aula; Para tanto, foi realizada uma consulta no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Pessoal de Nível Superior (Portal CAPES/MEC). Como esse assunto ainda não se banha de uma terminologia definida, realizamos três consultas com descritores diferentes, sendo eles:

- a) “Práticas Corporais de Aventura na Escola” no qual encontramos 29 (vinte e nove) resultados, destes apenas 8 (oito) se envolvem com nossa temática;
- b) Outro termo de busca utilizado foi “Atividades de Aventura na Escola”. Com esse termo foram encontrados 40 (quarenta) artigos, destes apenas 2 (dois) tratam sobre o ensino de atividades de aventura no universo escolar.
- c) Em seguida foi utilizado o termo “Esportes Radicais na Escola” e obtivemos 12 resultados, porém apenas 1 (um) diz respeito ao ensino dessas práticas na escola.

Além destas pesquisas no periódico CAPES, revisamos 3 (três) livros relacionados ao tema. Juntando todas as buscas do CAPES e das literaturas, somamos um total de 14 (quatorze) trabalhos, analisados no período de 2012 a 2022.

ANO	REVISTA/LIVRO	AUTOR(ES)	TÍTULO
2012	Movimento	ARMBRUST, Igor.; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos	Pluralidade cultural: os esportes radicais na Educação Física Escolar
2013	Editora Fontoura	PEREIRA, Dimitri Wu; org.	Atividades de aventura: em

			busca do conhecimento
2013	Phorte Editora	MARINHO [et al]; BERNARDES, Luciano Andrade	Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física
2016	Conexões	TAHARA, Alexander Klein ; DARIDO, Suraya Cristina	Práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física na escola
2017	Motrivivência	DA PAIXÃO, Jairo Antônio	O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar
2018	Movimento	TAHARA, Alexander Klein ; DARIDO, Suraya Cristina	Diagnóstico sobre a abordagem das práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física Escola em Ilhéus/BA
2019	Editora Fontoura	PEREIRA, Dimitri Wu; org.	Pedagogia da Aventura na Escola
2020	CEFE	FERREIRA, Jéssica Karina Silva ; SILVA, Paula Cristina da Costa	Práticas corporais de aventura na natureza na educação infantil: um relato de experiência
2020	CEFE - Caderno de Educação e Esporte	INÁCIO, Humberto Luís de Deus ; BAENA-EXTREMERA Antonio	Práticas corporais de aventura na educação física espanhola: um estudo com foco na metodologia e na avaliação
2020	Motrivivência	INÁCIO, Humberto Luís de Deus; SOUZA, Caroline Castro ; MACHADO, Lídia Ferreira	A presença das práticas corporais de aventura em escolas públicas da região metropolitana de Goiânia: um estudo exploratório
2020	Olhar de professor	PAULA, Marcos Vinícius Guimarães de; KOCHHANN, Andréa	Práticas corporais de aventura na Educação Física escola e a inclusão da criança com deficiência
2021	CEFE	LUZ, Denise Correa ; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli	Orientação: um tesouro pedagógico das práticas corporais de aventura
2021	CEFE	POSSAMAI, Kauana; LUZ, Pedro Henrique Monticelli da; PEREIRA, Rogério Santos; PRATES, Isadora Vieira; BRESCHILIARE, Fabiane	As práticas corporais de aventura nas aulas de educação física durante o ensino remoto: planejando o movimentar-se com a prancha de equilíbrio

		Castilho Teixeira	
2022	Educación física y ciencia	DANTAS, Tiago Ramos ; SOUZA, Lucio Marques Vieira; TRIANI, Felipe ; MOTA, Márcio Getirana; SANTOS, Jymmys Lopes dos; AIDAR, Felipe José; COSTA, Lúcio Flávio Gomes Ribeiro da	Atividades corporais de aventura na escola: a corrida de orientação como proposta no desenvolvimento das competências socioemocionais

Armbrust e Silva (2012) autores da pesquisa “**Pluralidade cultural: os esportes radicais na Educação Física Escolar**” tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a inserção dos Esportes Radicais nas propostas pedagógicas escolares. Os autores discorrem sobre como o currículo da Educação Física vem se renovando e observa-se que seus conteúdos tradicionais começam a compartilhar o espaço da escola com conteúdos atualmente bastante divulgados. Em contrapartida desse crescimento, segundo os autores encontram-se as resistências da parte dos educadores de utilizá-los nas aulas de Educação Física Escolar, devido a preocupações relativas à imagem de risco e imprevisibilidade envolvidos nesses conteúdos.

Pereira, org (2013) autor da pesquisa: “**Atividades de Aventura: em busca do conhecimento**”: organizou um livro que é fruto da investigação dos autores que articulam o conhecimento e a aventura, pois, segundo o autor, é preciso perceber que além da prática e envolvimento com essas atividades, é necessário compreender o que se faz, como se faz e porque se faz.

Marinho [et al] e Bernardes (2013) autor da pesquisa “**Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física**”, abordam atividades de aventura mais conhecidas e mais viáveis para o profissional de Educação Física, ao incluir as mesmas em seu rol de possibilidades práticas, seja na forma mais tradicional ou de forma adaptada.

Tahara e Darido (2016) autores da pesquisa “**Práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física na escola**”, realizaram uma pesquisa qualitativa que teve como objetivo propor uma discussão e reflexão acerca da relação entre a educação física escolar e as práticas corporais de aventura, enquanto um possível conteúdo da área. Observaram no estudo, os objetivos e

dificuldades acerca da inserção das práticas; e por fim, o que é ensinado nas aulas com o conteúdo das práticas corporais de aventura.

Da Paixão (2017), autor da pesquisa **“O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar”**, investigou possibilidades para o trato das diferentes modalidades que compõem o esporte de aventura como conteúdo da Educação Física na escola. Fez uso de uma pesquisa de levantamento bibliográfico, buscando elementos com potencial para um currículo escolar alternativo na disciplina de Educação Física, visto que a própria realidade nas escolas evidencia a necessidade de propostas e movimentos para implementar o processo educacional nos diferentes segmentos que compõem a educação básica.

Tahara e Darido (2018), autores da pesquisa **“Diagnóstico sobre a abordagem das práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física Escola em Ilhéus/BA”**, tiveram como objetivo realizar um diagnóstico junto aos professores de Educação Física da rede municipal e estadual de ensino de Ilhéus/BA, a respeito da abordagem do conteúdo referente às Práticas Corporais de Aventura (PCAs), avaliando suas opiniões sobre questões que tangenciam o processo de inserção nas aulas. Os dados foram analisados, utilizando-se a Análise de Conteúdo, e os resultados indicam que a maioria dos professores desconhece as PCAs, sendo que somente quatro professores já inseriram tal conteúdo em suas aulas.

Pereira, org (2019), autor da pesquisa **“Pedagogia da Aventura na Escola: Proposições para a Base Nacional Comum Curricular”**, expõe através das aulas e atividades de diversos professores de Educação Física no Brasil uma continuação das experiências ligadas ao tema Atividades de Aventura na escola. Esta obra confirma que há possibilidades de se educar com emoção e diversão.

Ferreira e Silva (2020), autoras da pesquisa **“Práticas corporais de aventura na natureza na educação infantil: um relato de experiência”**, mostram que as práticas corporais de aventura na natureza são pouco exploradas nas aulas de Educação Física na Educação Infantil, seja pela lacuna na formação inicial dos professores, por carência de literatura sobre o tema ou infraestrutura adequada nas escolas. Devido a isso, as autoras apresentam desafios, limites e possibilidades de inserção das práticas corporais de aventura na natureza nas aulas de Educação

Física na educação infantil, em um projeto transversal de Educação Ambiental, mediante uma abordagem lúdica, atraente e significativa.

Inácio e Baena-Extremera (2020) em **“Práticas corporais de aventura na educação física espanhola: um estudo com foco na metodologia e na avaliação”** tem como objetivo investigar as metodologias e os processos avaliativos mais utilizados em aulas de Educação Física em seus níveis de primária e secundária em um extrato do contexto espanhol, quando o conteúdo são as Práticas Corporais de Aventura. Para tanto, triangulou dados de artigos encontrados em uma base de dados especializada – a Outdoorpeactivies, e de registros de campo realizados in loco, durante acompanhamento de aulas.

Inácio, Souza e Machado (2020), autores da pesquisa **“A presença das práticas corporais de aventura em escolas públicas da região metropolitana de Goiânia: um estudo exploratório”**, realizaram uma pesquisa em escolas públicas, municipais e estaduais de Goiânia e de Aparecida de Goiânia. Tal pesquisa objetivou verificar e discutir a realidade das Práticas Corporais de Aventura na escola, enquanto conteúdo aplicado da Educação Física, e quais os contextos permeiam sua possível inserção – ou não - no âmbito escolar.

Paula e Kochhann (2020), autores da pesquisa **“Práticas corporais de aventura na Educação Física escola e a inclusão da criança com deficiência”** realizaram reflexões a partir de experiências corporais inclusivas. O objetivo do trabalho é discutir sobre a inclusão da criança com deficiência na Educação Física Escolar, por meio das práticas corporais de aventura. Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência e com abordagem qualitativa. Foram realizados momentos vivenciais de algumas práticas de aventura, bem como foram utilizados a fotografia e o desenho infantil para a análise dos dados.

Luz e Oliveira (2021), autores da pesquisa **“Orientação: um tesouro pedagógico das práticas corporais de aventura”**, realizaram um relato de experiência sobre a Orientação e suas possibilidades no ambiente escolar, estimulando as PCAs com diversão, e potencial desenvolvimento cognitivo, funcional, social e pessoal. A proposta foi realizada com 30 (trinta) estudantes matriculados em uma turma de 5º (quinto) ano, do ensino fundamental I, com idades entre 10 e 11 anos de uma escola pública em Curitiba/PR. Concluíram que a Orientação é um conteúdo rico e uma prática segura no ambiente escolar, pois promove experimentações e noções espacial e temporal, estimula a criatividade, a

iniciativa e a superação de limites.

Possamai, Luz, Pereira, Prates e Breschiliare (2021), autores da pesquisa “**As práticas corporais de aventura nas aulas de educação física durante o ensino remoto: planejando o movimentar-se com a prancha de equilíbrio**”, apresentam uma proposta de planejamento que foi a construção de uma prancha de equilíbrio para o ensino das Práticas Corporais de Aventura para alunos dos anos finais do ensino fundamental, no contexto do ensino remoto. Destaca-se que o conteúdo Práticas Corporais de Aventura surgiu a partir de um levantamento prévio feito com os estudantes sobre conteúdos que tinham interesse em aprender. Foi planejado um conjunto de cinco módulos de conteúdos para duas turmas do nono ano da escola-campo.

Chegaram à conclusão de que essa experiência pedagógica proporcionou aos envolvidos um conjunto de aprendizados significativos para o incremento da prática pedagógica docente. E que, a ausência do contato mais efetivo com os estudantes e com a realidade da escola-campo impactou a experiência formativa dos graduandos em Educação Física.

Dantas, Souza, Triani, Mota, Santos, Aidar e Costa (2022), autores da pesquisa “**Atividades corporais de aventura na escola: a corrida de orientação como proposta no desenvolvimento das competências socioemocionais**”, tiveram como objetivo deste estudo foi analisar o comportamento socioemocional dos alunos diante de uma intervenção de corrida de orientação. Para isso contaram com a participação de 39 escolares do ensino médio. Foi aplicado o questionário Big Five Inventory (BFI) após uma intervenção de corrida de orientação para a avaliação do perfil sócio emocional e constatado que a corrida de orientação, se mostra eficaz no desempenho emocional dos escolares.

A partir dessas análises observamos que a pesquisa sobre sua aplicação em turmas de Educação Infantil é escassa, embora às práticas de aventura vivam um momento glorioso, no qual essas possibilidades de ensino começam a adentrar as instituições de ensino em todos os níveis, elas ainda se sobressaem nas turmas de nível fundamental e não encontramos produções em turmas do Ensino Médio.

A partir dos resultados das pesquisas selecionadas, verificamos que até o ano de 2020 eram raras pesquisas que envolvessem esses temas e sua utilização nas Instituições de Ensino. A partir desse período, nota-se uma crescente exploração desse conteúdo como uma possibilidade de ensino nas aulas de

Educação Física. Devemos compreender também que o período em que vivemos, nos últimos 2 anos, com o surgimento da Pandemia da Covid-19, pode ter prejudicado estudos relacionados a essa temática, porém elas tem tudo para serem ainda mais discutidas, visto o seu crescimento no cenário mundial.

Para além da repercussão internacional, somam-se: “o aumento no nível de estresse, da violência, do caos urbano, assim como a necessidade intrínseca do ser humano de voltar às suas origens, a natureza!” (BERNARDES, 2013, p. 6). A observação dos pesquisadores sobre como tais práticas corporais merecem destaque, é um dado relevante, uma vez que são consideradas benéficas para o bem estar pessoal e interpessoal podendo influenciar na vida cotidiana.

Também notamos alguns estudos que buscam ampliar a percepção de profissionais sobre as PCAs no trato com a EFE, relatando experiências e trazendo propostas para serem colocadas em práticas, fazendo uso de materiais de baixo poder aquisitivo, usando a criatividade e encontrando meios de ofertar aos estudantes novas oportunidades de prática.

Dos trabalhos analisados, os que envolvem propostas de ensino das PCAs nas aulas de EFE são: Pereira, org (2013), trazendo relatos de experiências com propostas; Marinho [et al] e Bernardes (2013) com um excelente material para aulas teóricas; Da Paixão (2017) abordado dimensões no trato do esporte de aventura nas aulas de Educação Física; Pereira, org (2019) elaborando propostas para o uso da aventura como conteúdo da cultura corporal brasileira; Ferreira e Silva (2020) sobre a adaptação de práticas corporais de aventura na natureza para a realidade escolar; Paula e Kochhann (2020) realizando intervenção em turmas de primeiro ano ao oitavo ano do ensino fundamental; Luz e Oliveira (2021) através de um relato de experiência que propôs o uso de diversos materiais lúdicos e pedagógicos que foram disponibilizados e confeccionados com e para os estudantes para aulas de Orientação.

Concluimos que houve um avanço significativo nas pesquisas sobre as PCAs e que esta revisão bibliográfica acendeu a esperança de que nos próximos anos, esse panorama do ensino das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física possa ser revertido.

5 HORA DA AVENTURA: POSSIBILIDADES NO TRATO COM O CONHECIMENTO

Essa parte da monografia visa contribuir com o trato do conhecimento das práticas corporais de aventura, mediante relatos de experiências vivenciadas durante a graduação do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Tais relatos aconteceram em momentos diferentes da graduação, mas nenhum deles foi desenvolvido em disciplinas associadas a metodologias dos esportes ou práticas corporais de aventura.

Reforçamos aqui a importância de que esse conteúdo esteja presente nos cursos de graduação, pois a construção do profissional de Educação Física Escolar deve ser um processo passível de renovação, contínuo e permanente que acompanhe as necessidades modernas da sociedade, possibilitando subsídios para atuação no campo da intervenção, onde o profissional de Educação Física está envolvido.

Nesta direção, a formação numa instituição de ensino superior torna-se necessária, visando melhorar a estruturação do campo em termos de qualidade e responsabilidade. Do mesmo modo, é necessária uma flexibilidade curricular que permita implementar o programa dos cursos, atendendo aos interesses e às peculiaridades regionais do mercado de trabalho. Entende-se que o profissional de Educação Física é especialista em atividades físicas nas suas mais diversas manifestações (CORREA; NETO, 2018, p.61).

No primeiro relato de experiência discorreremos sobre a prática corporal da orientação desenvolvida em forma de um evento. Ela é uma experiência ampla e rica para o contexto escolar da EF, pois também pode ser utilizada de forma interdisciplinar. Já no segundo relato apresentamos uma possibilidade de como trabalhar as práticas corporais de aventura sob uma visão de lazer versus competitiva, que aconteceu em um cenário de aulas remotas.

5.1. Corrida de orientação: uma tesouro pedagógico

Também conhecida como Corrida de Orientação ou Esporte de Orientação é uma das práticas corporais encontradas na unidade temática PCA, sugeridas pela BNCC. Ela pode acontecer na natureza ou também em espaços fechados na qual o praticante interage com o meio, sem destacar preocupações com técnicas ou táticas de execução. Surge a partir das ações realizadas pelo ser humano ao se deslocar

pelo planeta, navegando e se orientando munido de intuição, observação da natureza e no uso de equipamentos como bússolas, mapas, etc, se aventurando à procura de alimentos, terras, tesouros escondidos.

O objetivo da prática é que os participantes percorram, num menor tempo possível, uma distância estipulada de um percurso desconhecido, marcado por postos de controle pré-de terminados e identificados num mapa do terreno (ou croqui), utilizando uma bússola, no caso das categorias experientes. Esta modalidade exige de seus praticantes certas habilidades, como a leitura precisa dos mapas, avaliação e tomada de decisões rápidas para a escolha da rota, concentração sob tensão, correr em terreno natural entre outras (LUZ; OLIVEIRA, 2021, p.228).

A prática dessa atividade, em contexto escolar, oportuniza a cooperação no trabalho em equipe, o cuidado consigo e com o outro; aprofundamento e desenvolvimento da noção espacial; fortalecimento das relações interpessoais; a concentração; observação e leitura de mapas, bússolas e símbolos; soluções de enigmas e problemas. Portanto, trata-se de uma excelente ferramenta para ser utilizada na escola.

5.1.1 Relato de Experiência: O enigmático tesouro escondido

A corrida de orientação foi realizada na UFRPE em 2019, por toda a turma do 5º período, como critério avaliativo da disciplina de Gestão e Organização da Educação Física e Prática Integrativa, na qual o objetivo era promover um evento que contasse com a participação de algum público externo e que envolvesse o tema esportes. O evento em questão foi denominado de: “O enigmático tesouro escondido”, e contou com a participação de alguns alunos do 8º ano da Escola Municipal Sociólogo Gilberto Freyre, da professora de EF da escola, bem como de professores do curso de Licenciatura em Educação Física. A turma se distribuiu em diferentes comissões (organização geral, socorros, monitores, arte e digitação, recursos, financeiros, registro, apoio, limpeza, polo de atividades). Fiquei encarregada da organização geral do evento e recepção, atuando antes e durante a atividade para que tudo corresse conforme o planejado.

O objetivo desta atividade era encontrar um tesouro escondido através de um mapa que precisaria ser completado à medida que os estudantes iam desvendando

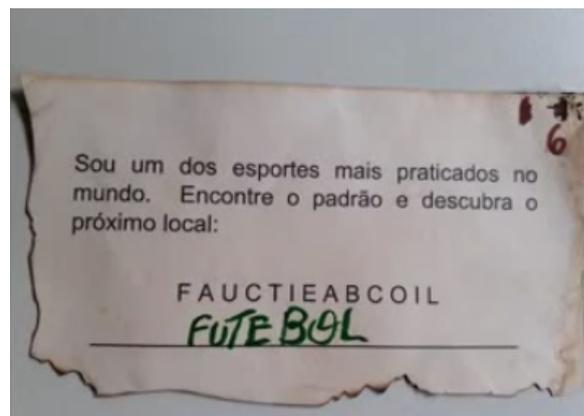
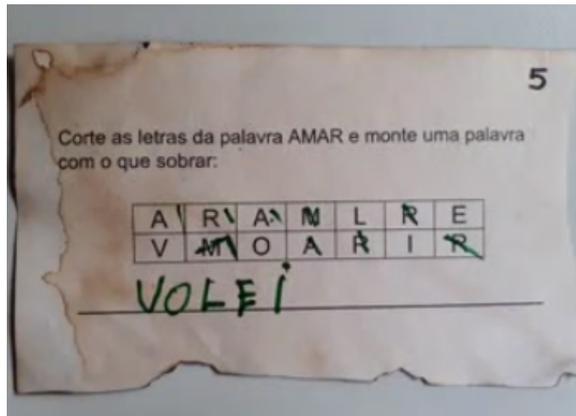
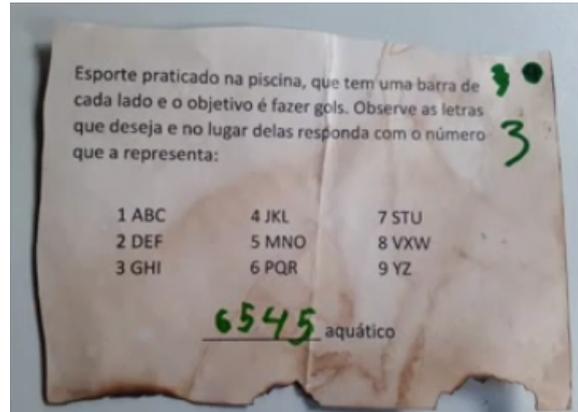
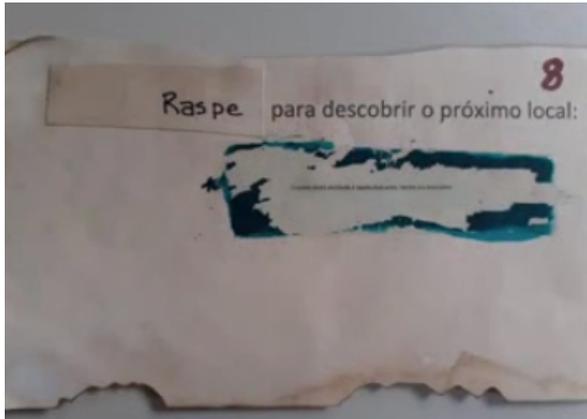
enigmas e realizando atividades em equipe. Como critério da Prática Integrativa (evento que acontecia em todos os períodos do curso e buscava levar os estudantes de graduação a pesquisar, investigar e pôr em prática os estudos e ações que envolvam conteúdos da cultura corporal e situações que envolvam a EF na sociedade) o caça ao tesouro também tinha que envolver o tema esportes. Assim, de acordo com a exploração do mapa e realização de desafios, que eram as práticas esportivas, os participantes iam conquistando novas pistas até que encontrassem o tesouro.

Através de pistas enigmáticas, os participantes, devidamente distribuídos em equipes, saíram em busca do tesouro perdido. As pistas estavam no poder dos “atletas” (pessoas trajadas com uniformes do esporte que seria realizado no mapa) que só podiam entregar um novo enigma quando a atividade e a pista fosse solucionada. Cada equipe tinha a missão de desvendar as pistas recebidas, o que os levaria para próximo local no mapa onde teriam novos desafios. Além disso, eles deveriam localizar no mapa os locais onde deverão resgatar alguns objetos que deveriam entregar, para poder abrir o tesouro.

A corrida foi progressiva, e as equipes fizeram trajetos diferentes, porém tiveram as mesmas charadas e atividades. Também havia um canto da consequência, caso as equipes descumprissem as regras do evento, apresentada aos estudantes no começo do evento através de placas: “não pode xingar, bater ou desrespeitar equipe e colegas”; “todo o percurso deve ser andando”; “não deixar nenhum colega de equipe para trás”. Nesse espaço eles realizaram atividades em equipe para poderem ser liberados.

As atividades aconteceram no espaço aberto da UFRPE que dispõe de 2 quadras, um campo e uma piscina. Cada grupo recebeu um mapa no qual estava desenhado o espaço que deveriam percorrer. Para confeccionar os mapas e pistas usamos papel 40 quilos, papel cartão e café. Primeiro molhamos o papel com uma mistura de água e pó de café e passamos em todo papel 40 quilos e cartão. Depois, ainda molhado, rasgamos os pedaços que queríamos para dar um visual de papel antigo e deixamos secar. Posteriormente fizemos os desenhos do mapa e imprimimos as pistas.

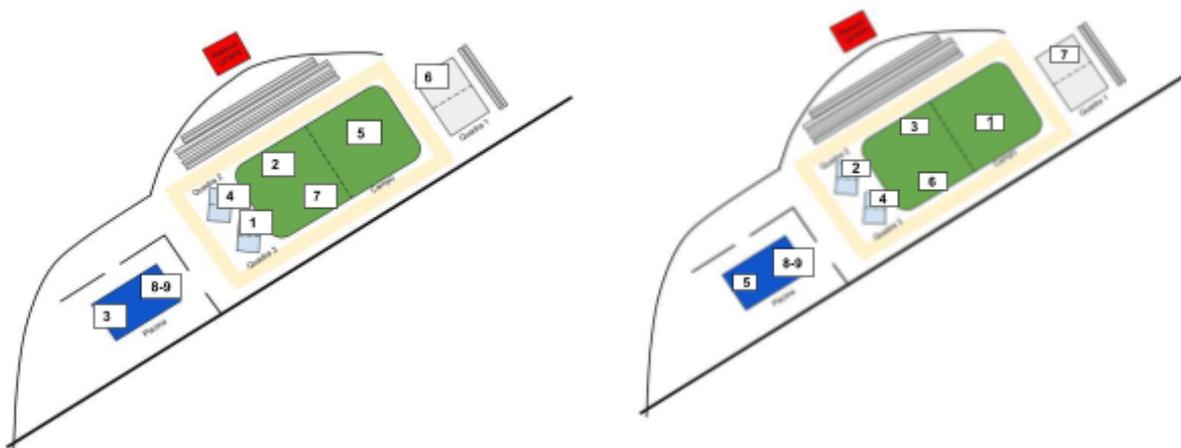
Figuras 5.1.1.1 Mapa de orientação e algumas pistas



Fonte: Arquivo pessoal

O desenho presente nos mapas seguiu o exemplo abaixo da figura sobre o roteiro de atividades. No roteiro mostra a ordem de atividades que cada grupo seguiu. Em algum momento podia acontecer dos grupos se encontrarem em determinadas atividades, para isso cada grupo era acompanhado por um monitor que auxiliava a equipe durante todo o evento. A missão desse monitor era ajudar o grupo a entender qual a atividade proposta, observar o comportamento do grupo e oferecer suporte, caso algo inesperado acontecesse.

Figura 5.1.1.2 roteiro das atividades



Fonte: Arquivo pessoal

As pistas eram como enigmas que podiam ser em forma de caça palavras, charadas, palavras embaralhadas para formar frases, letras soltas para formar palavras, quebra cabeça, entre outras . À medida que os participantes encontravam uma pista e realizavam as tarefas, ganhavam um selo no mapa que verificava que aquela missão já havia sido concluída. As últimas provas foram no mesmo local.

A atividade começou com a leitura de uma carta aos caçadores e em sequência, demos a primeira pista que levaria as outras. Também finalizamos a procurar com outra carta que estava dentro do baú.

Esse foi o texto contido na carta de abertura do evento:

Caros colegas,

Ano de 2016, estamos prestes a começar um grande evento multiesportivo. Todos os países se prepararam, durante um bom tempo, para os Jogos Olímpicos que acontecerão no Brasil este ano. Está tudo pronto para a Grande Festa de Abertura, os estádios e toda a estrutura física está montada para receber os atletas e público, porém um grande imprevisto aconteceu!!! Você deve estar curioso para saber o que houve, não é? Escrevo esta carta e peço que leia com muita atenção, pois tenho um pedido muito importante a fazer.

No dia 12 de junho de 2016 algumas equipes estavam indo fazer um reconhecimento dos espaços onde iriam atuar e junto com elas estava sendo despachado um material que seria apresentado ao público, pela primeira vez, numa cerimônia realizada na Arena do Futuro. Só que durante o voo para o Rio de Janeiro, perderam a mala!!

Durante o tumulto, as equipes de natação, futebol e tênis se dividiram para tentar encontrar a mala no aeroporto. Três atletas dessas comissões que eram amigos decidiram procurar juntos, porém acabaram se perdendo dos demais. Agora temos um grande

problema!!! Precisamos saber onde se encontram os atletas e a mala com o tesouro que será apresentado no dia 14 de junho.

Por isso que vos escrevo, convocando-os a encontrar a mala e os atletas o quanto antes, afinal quanto mais gente procurando melhor. Tenho certeza que assim conseguiremos encontrar. Só tem um probleminha... É que para isso vocês deverão realizar algumas atividades, encontrar os atletas e solucionar alguns enigmas que os levarão até o tesouro.

Lembrem-se de não se separar, pois não queremos perder mais ninguém. Trabalhem em equipe, tenham paciência e assim encontraremos o tesouro.

Atenciosamente,
Gabinete Presidencial

Fonte: Arquivo Pessoal

O próximo texto foi colocado dentro do baú com o tesouro e a equipe que o encontrou deveria ler em voz alta para todos os participantes. Essa carta marcava o encerramento da caminhada de orientação.

Para os caçadores do tesouro,

Gostaríamos de agradecer a todos vocês que se esforçaram muito para nos encontrar e encontrar o tesouro. Tenho certeza que trabalhando em equipe aprenderam a depender uns dos outros, e que todos são responsáveis pelas falhas e pelo sucesso. Por isso, o trabalho em equipe deixa todos mais fortes. O maior tesouro desse dia é entender que ninguém é nada sozinho. E se queremos fazer algo grande, como encontrar um tesouro, super importante para as Olimpíadas, precisamos fazer em equipe. Alcançar o sucesso com um esforço coletivo é muito mais prazeroso. E vocês se saíram muito bem!

Agora que nos encontraram e também o tesouro vamos correndo para o Rio de Janeiro, pois temos uma competição para vencer, e quem sabe a gente não traz o ouro para o Brasil.

Obrigado!
Os Atletas.

Fonte: Arquivo Pessoal

Segue abaixo as práticas realizadas nos polos de atividades, por onde os participantes passariam, a fim de encontrar novas pistas e achar o tesouro.

POLOS DE ATIVIDADES

1. Polo Quadra

Atividade 1: Volêi sentado

Quantidade: Todos

Objetivo: Equilibrar a bola no ar por um período de tempo usando fundamentos do vôlei.

Material: 2 bolas de leite, 18 tatames, cronômetro

Procedimento: Os estudantes devem sentar nos tatames colocados na quadra 2 e todos juntos deverão equilibrar no ar com toque e/ou manchete por 30 segundos.

Atividade 2: Handebol

Quantidade: 6 pessoas

Objetivo: Driblar e arremessar a bola acertando nos alvos.

Material: 6 arcos e 6 cones

Procedimento: quicar a bola dentro de arcos posicionados no chão e ao passar por eles arremessar a bola ao gol buscando acertar dentro do arco ou nos cones que estão no chão. Assim que acertarem nos alvos e cones estão liberados.

Atividade 3: Badminton

Quantidade: 2 duplas

Objetivo: Trocar passes por cima da rede.

Material: 4 raquetes, 2 volantes, rede de vôlei

Procedimento: simular um jogo, cada dupla de um lado da quadra. Eles tem que fazer o volante ir e vir 4 vezes seguidas de um lado a outro da quadra.

2. Polo campo

Atividade 1: Rúgby

Quantidade: 7 pessoas

Objetivo: Fazer passes e apoiar a bola no chão do in gol marcando um try.

Material: 7 cones pequenos, bola de futebol americano

Procedimento: Os estudantes se posicionaram nas marcas e avançarão em formato de degraus para que possam dar o passe lateralmente ou para trás até que a bola chegue no ultimo que correrá até a linha do in gol e posicionará a bola ao chão marcando um ponto.

Atividade 2: Arremesso de Peso

Quantidade: 5 pessoas

Objetivo: Arremessar pesos e somar 100 pontos

Material: 20 garrafa pet pequena, areia, 10 cones para numeração, papel e caneta, 10 cordas pequenas.

Procedimento: Os estudantes escolhidos deverão arremessar garrafas pet com um pouco de areia dentro nas marcas no chão. Cada pessoa só pode fazer um arremesso e depois somam-se os pontos. (10,20,30,40,50)

Atividade 3: Futebol de dois

Quantidade: 3 duplas

Objetivo: Driblar cones e fazer três gol.

Material: 6 cones, 6 bolas de campo

Procedimento: As duplas serão escolhidas, uma por vez deverá driblar cones espalhados no chão até que chegue a linha para executar o chute. Depois que a primeira dupla terminar entra a próxima. Cada dupla só poderá chutar uma vez ao gol e se errar deve voltar pro fim da fila. É preciso marcar 3 gols para considerar a atividade concluída.

3. Polo piscina

Atividade 1: Polo aquático

Quantidade: Todos poderão participar.

Objetivo: Acertar 05 bolas ao gol

Material: 20 bolinhas, 2 tatames, 4 cones grandes, 4 cabos de vassoura

Procedimento: Os estudantes deverão formar 02 filas. Um por um deverá arremessar as bolas, de fora da piscina, para tentar acertar no gol. Cada pessoa só pode arremessar uma vez.

Atividade 2: Tapete Flutuante

Quantidade: 08 pessoas por equipe

Objetivo: Conduzir uma pessoa, em cima de um tatame, de um lado a outro da piscina.

Material: 16 toucas, roupas de banho, 4 tatames.

Procedimento: Será um revezamento. 04 estudantes de um lado e 04 de outro. Um estudante sobe no tatame e os outros três deverão, batendo pernas e segurando o tatame conduzi-lo até o outro lado da piscina, onde mais 04 estudantes estarão esperando para fazer o percurso de volta.

Atividade 3: Garrafas Flutuante

Quantidade: 2 ou 3 pessoas que saibam nadar

Objetivo: resgatar as argolas, porém a única que conta é a que tem uma chave dentro. Essa chave abrirá o cadeado do baú para dar acesso ao tesouro.

Material: 4 a 6 toucas, 10 argolas, 2 chaves, 10 garrafas, frase (Parabéns, agora você só precisa encontrar o tesouro e usar a chave para abrir o cadeado.)

Procedimento: Serão 12 argolas espalhadas pela piscina, sendo 6 para cada grupo. Elas estarão amarradas a garrafas pet pequenas e dentro de umas delas estará uma chave. A única argola que interessa é esta. Os alunos escolhidos terão que mergulhar para resgatar a argola que tem a chave.

Fonte: Arquivo Pessoal

Segue abaixo alguns momentos vivenciados durante o evento:

Figuras 5.1.1.3



Fonte: Arquivo pessoal

Os estudantes conseguiram seguir o mapa, realizando as sequências planejadas, e ao fim todos receberam as lembranças que estava guardada em um baú, porém só a equipe que o achou, pôde abri-lo. Foi uma experiência de organização de eventos enriquecedora, na qual pudemos envolver aventura com às prática da corrida de orientação, esportes e lazer.

O fato de incorporar diferentes práticas associadas a práticas de orientação, nos comprovou que “a Orientação se mostra possível na interação e transposição didática entre teoria e prática, proporcionando ao estudante benefícios diversos para o desenvolvimento de um ser humano integral (biopsicossocial)” (LUZ; OLIVEIRA, 2021, p. 230).

Além dos mapas, o professor de Educação Física também pode fazer uso de jogos de bússolas, sinais, planilhas, entre outras opções e trabalhar de forma interdisciplinar as propostas de ensino, visando ampliar o conhecimento. E que essa é uma excelente ferramenta para trabalhar a sensibilização com o meio ambiente (PEREIRA; URIBE, 2019).

Em “orientação: um tesouro pedagógico das práticas corporais de aventura” Luz e Oliveira (2021) desenvolvem um relato de experiência sobre uma sequência didática de como trabalhar com a Orientação nas aulas de Educação Física com uma turma do 5º ano.

Neste trabalho foi utilizado sinais e mapas. Os jogos (apresentados na organização e desenvolvimento da proposta) demonstraram o poder de despertar aprendizados: cognitivo (resoluções de problemas, noções claras de espaço, tempo, direcionamentos, cronometragem, dentre outros), motores (ações básicas estimulantes de correr, saltar, andar) e sociais (cooperação, respeito, responsabilidade, autonomia), trazendo proximidade e interação do aprendizado da Orientação de forma lúdica, ideal para a idade escolar.

5.2.1 Relato de Experiência: Práticas Corporais de aventura no Ensino Remoto

Esse relato de experiência ocorreu mediante participação na disciplina de Estágio Supervisionado III do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRPE. Todo o processo de observação e regência foi realizado em duplas. De acordo com isso, as atividades desenvolvidas tiveram participação do colega de

turma Igor Diego Farias da Silva, também estudante da Universidade Federal Rural de Pernambuco, do sétimo período do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRPE.

O Estágio Supervisionado III foi realizado no Colégio Aplicação do Recife, que é um Colégio filiado à Universidade Federal de Pernambuco, fundado em março de 1958 para funcionar junto à Faculdade de Filosofia como um laboratório experimental, atendendo aos acadêmicos das diversas licenciaturas. No período em que fizemos esse estágio, estávamos em um cenário de pandemia na qual essa escola era uma das poucas escolas públicas que ainda estavam ofertando ensino remoto e sobretudo de Educação Física.

Durante o período de estágio, acompanhamos a turma do 8º ano A através de aulas on-line síncronas. As aulas síncronas aconteceram nas quarta-feiras das 8:00 às 9h. Para tanto, o conteúdo da cultura corporal trabalhado foi esportes, seguindo o planejamento da professora da turma, nos aprofundando nos esportes de aventura, e foi preciso superar as circunstâncias que encontramos na escola em período de pandemia, do pouco contato com os estudantes, e de uma nova forma de realizar o processo de ensino-aprendizagem através do ensino remoto.

As aulas foram baseadas na literatura de Manoel Tubino (1993) sobre “o que é esporte”, e em leituras de alguns artigos acadêmicos e pesquisas em sites, visto que o professor supervisor já havia trabalhado com a turma, as manifestações do esporte: o esporte de rendimento, o esporte participação, o esporte educacional ou esporte escolar e o conteúdo esporte em aulas de Educação Física.

Nossa intervenção foi sendo aprimorada ao longo das regências e mediante alguns imprevistos. Isso nos faz reforçar que o planejamento pode sofrer modificações nos momentos sutilmente combinados de acordo com o andar do processo, de solicitações, indisponibilidades diante de um sistema remoto de encontros e também diante de eventuais momentos de surpresa.

Primeira regência

Na primeira aula discutimos sobre como surgiram os esportes sobre os olhares de Manoel Tubino (1993). Os alunos foram instigados a pensar como surgiram os esportes? Fizemos uso de debate no qual, os estudante iam sendo estimulados a discutirem temáticas que envolviam esporte/cultura, esporte/lazer,

esporte/competição. O material utilizado foram fotos de pessoas praticando atividades e através dessas fotos fizemos uma viagem sobre evolução do esporte ao longo do tempo. Classificando-o em 3 importantes momentos: esporte da antiguidade, esporte moderno e esporte contemporâneo.

Ainda nessa aula realizamos a leitura do texto “origem do esporte” de Tubino (1993) e após buscamos novamente olhar para tais imagens e compreender as histórias que eles poderiam nos contar fazendo um link com o texto e os momentos sócio-históricos-culturais da sociedade.

Nessa aula conseguimos trabalhar temas transversais como a participação dos negros, mulheres e estrangeiros no esportes e sobre como aconteceu esse progresso. Além desses pontos discutimos o porquê do esporte se tornar tão competitivo com o avanço cultural da sociedade e sobre a conquista de poderem ser praticados como lazer (direito de todos).

Segunda regência

O tema trabalhado no dia foi práticas corporais de aventura e nosso objetivo além de visitar o esporte contemporâneo e suas contribuições foi Identificar, sistematizar e aprofundar o conhecimento sobre as práticas corporais de aventura e de como elas vem conquistando espaço e revolucionando a forma de como praticamos atividades da natureza na atualidade.

Fizemos uso de slides, a fim de sondarmos o que eles sabiam sobre práticas de aventura e quais os estudantes conheciam. O retorno da pergunta foi baixo, sendo as mais citadas: paraquedismo, skate, escalada, tirolesa.

No meio da aula uma estudante nos perguntou: “professor, mas tirolesa é um esporte de aventura? Existe uma competição? Porque pelo que entendi precisa ter uma competição para ser um esporte!” Essa pergunta nos deixou reflexivos, estávamos trabalhando na unidade esportes, e trouxemos algumas práticas que não tinham esse viés esportivo.

Refletimos sobre a prática pedagógica devido esse momento surpresa que às vezes acontecem, quando o aluno faz uma pergunta pertinente que vale a pena ser estudada. O professor supervisor nos auxiliou a fazê-los compreender que existem práticas com vários interesses, alguns recreativos e outros esportivos, mas que todos são práticas corporais de aventura passíveis de se tornarem esportes.

Em seguida, fizemos uma ponte com a atualidade e perguntamos quais esportes estão em alta na mídia ou recentemente tiveram grande repercussão e trabalhamos a participação do skate, surf como modalidades Olímpicas, pela primeira vez em Tokyo 2020. Também debatemos sobre os locais onde eles são praticados (ar, terra, água) e citamos algumas práticas de aventura.

Ao final da aula usamos o espaço de mensagens, no Goolge Meet, e fizemos uma avaliação de quais práticas eles lembravam de acordo com o local onde são praticadas (aéreo, terrestre e aquático).

Após essa regência mudamos o decorrer das próximas intervenções por alguns fatores e achamos melhor partir dos questionamentos dos estudantes sobre recreação x esportes e de algumas dúvidas como: "alpinismo é terrestre?" ou "slackline é terrestre?" planejar uma nova sequência. Abrimos mão de trabalhar o parkour e focamos em ajudá-los a compreender as diferenças entre esportes de aventura e práticas corporais de aventura e também sobre como são consideradas de acordo com o meio, além de poder apreciar outras modalidades e sanar dúvidas.

Nesse momento nos deparamos que essa também era uma dúvida nossa e buscamos pesquisar em literaturas qual a melhor forma de trabalhar tais definições. Não encontramos uma definição formada sobre alguns pontos então interpretamos como achamos mais apropriado.

Como atividade assíncrona, elaboramos um texto didático e fizemos uma pergunta no Google Sala de Aula para elaboração de um texto sobre as influências do esporte contemporâneo sobre as práticas corporais de aventura.

Terceira regência

Na sequência, o tema da aula foi: o espaço físico e as práticas corporais de aventura. Iniciamos assistindo um vídeo e questionando quais práticas eles conseguiram reconhecer, prontamente falaram algumas e perguntaram sobre outras que não conheciam, porém acharam interessante.

Fizemos um resgate do que estudamos na aula passada e depois colocamos uma frase para discussão que tinha como proposta o tema transversal meio ambiente. Eles leram e disseram o que compreenderam da citação. Debatemos sobre a importância de preservar o espaço no qual praticamos atividades.

Em seguida trabalhamos sobre como todas as atividades de aventura que conhecemos podem ser recreativas ou competitivas e que algumas práticas que eles perguntaram na aula passada existem competições no Brasil e no Mundo. Pudemos assistir alguns vídeos de competições como balonismo que eles citaram, slackline e também da escalada esportiva, que junto ao skate e surf estiveram nas Olimpíadas de Tokyo 2020.

Também conhecemos algumas práticas apenas recreativas que ainda não possuem competições ou federações. Os alunos participaram bastante, contaram o que gostariam de praticar, comentaram sobre os vídeos, sobre suas experiências e sanamos juntos muitas dúvidas que ficaram pelo caminho.

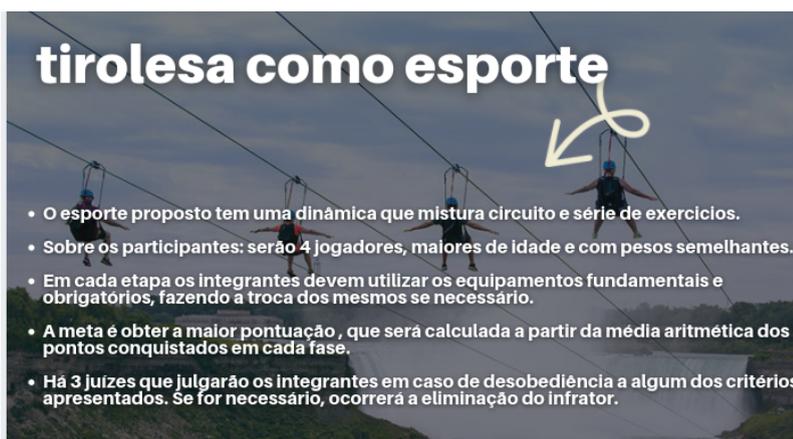
Como atividade assíncrona dividimos em 6 grupos de 4 pessoas e demos uma prática corporal de aventura de característica apenas recreativa para cada grupo. O intuito era que pesquisassem e criassem uma competição para essa prática, estabelecendo regras sobre público alvo, segurança, locais, ranking, etc e apresentassem na próxima aula.

Quarta regência

A última regência foi o momento de apresentações dos trabalhos e foi encantador. Ficamos admirados como eles se comprometeram com a ideia, pesquisaram, elaboraram slides com maestria e apresentaram suas ideias com segurança. As práticas propostas para apresentação foram: Arvorismo, Tirolesa, Espeleologia, Mergulho, Hoveboarding e Bóia Cross.

A partir das apresentações observamos que eles conseguiram elaborar uma ideia de competição, pensaram nas regras, em como se pratica, no sistema de participação da competição ou penalização e inclusão no esporte.

Figura 5.2.1.3 - Grupo Tirolesa



FASE I

São quatro pontes, uma para cada participante, aquele que atravessar a ponte mais rápido conseguirá uma vantagem para as outras fases.

Caso o esportista complete o circuito primeiro, ganhará um acréscimo de 10 pontos.

FASE II

CAÇA AS BANDEIRAS



→ Devem capturar 4 bandeiras perto da tirolesa, cada uma valendo 25 pontos.

FASE III

Formato de disputa

Cada participante deve fazer o máximo de manobras possíveis em todo o trajeto.

Pontuação

- Os três jurados avaliarão as manobras com base na dificuldade e na qualidade da execução.
- A nota de cada juiz pode ir de 0 a 100, e a pontuação final será definida através da média entre as avaliações.

Para atividade assíncrona refletimos em uma fórum de discussão sobre a inclusão no esportes de aventura, pois foi uma temática que nos chamou bastante atenção durante a apresentação de um dos trabalhos.

Encerramos nossa vivência no campo de estágio com essa atividade e nos sentimos bastante satisfeitos com o retorno das atividades, com o conhecimento que ajudamos a aprofundar na vida dos estudantes e acreditamos que os objetivos foram atingidos, embora se houvesse mais tempo para trabalharmos poderíamos ter contribuído mais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas corporais de aventura são atividades que nos desafiam a sair das nossas zonas de conforto e sentir: o medo e a superação; a liderança e a coletividade; o bem-estar e o “frio na barriga”. São práticas possíveis de serem realizadas no ambiente escolar e proporcionam aos seus praticantes, memórias inesquecíveis.

Esse estudo teve como objetivo geral identificar possibilidades do trato com o conhecimento acerca das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física Escolar e temos a confiança de que possibilitou um olhar mais dinâmico, criativo e seguro para o uso das PCAs em sala de aula, a partir de indicações de artigos que propõem meios oportunos de utilizar-se dessas práticas, bem como do relato de experiência vivenciado durante a graduação em Educação Física.

Observamos na pesquisa que as práticas corporais de aventura, estão em um cenário de ascensão, e é motivador a existência de estudos sobre métodos que possam ser aplicados, de forma pedagógica, nas aulas de Educação Física, pois facilita o acesso de profissionais que sequer tiveram formação para isso.

Vimos também que é possível desenvolver práticas, sem muitos custos e riscos, que envolvam a participação ativa dos estudantes e que validam o contato com a natureza e as relações interpessoais, gerando benefícios pessoais, socioemocionais, culturais, entre outros.

Diante disso, o problema de pesquisa buscava questionar: quais as possibilidades do trato com o conhecimento acerca das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física? Assim, concluímos que, em grande parte da nossa história, fomos privados de usufruir do lazer, da natureza, da aventura e do tempo livre e essas práticas surgem para oferecer ao praticante tudo isso. Vimos que elas podem ser um trunfo para os professores, pois podem ser utilizadas como atividades recreativas, porém passíveis de serem competitivas, e que isso também pode ser saudável. Verificamos que nesse meio há diferentes temas transversais que podem ser trabalhados enriquecendo o aprendizado de um estudo mais

conectado com o mundo e com o que acontece ao nosso redor, conscientizando o estudante a pensar de forma crítica, respeitando seus limites, os do próximo, assim como os espaços de práticas, como defende um dos documentos reguladores da educação: a BNCC.

Além disso, compreendemos que existem práticas que oferecem uma excelente oportunidade de trabalhar de forma interdisciplinar, enriquecendo ainda mais as experiências dos estudantes. Defendemos a ideia de que o conhecimento é mais oportuno quando nos impacta de alguma maneira, e esse conteúdo tem tudo para surpreender de forma positiva no contexto escolar.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBRUST, I.; SILVA, S. A. P. S. **Pluralidade cultural: Os esportes radicais na Educação Física escolar.** Movimento, Porto Alegre, v. 18, n. 01, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/14937/17352>

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação.** São Paulo: Moderna, 2006.

ARAÚJO, S. F. M; MACEDO, S. F. **Esportes de aventura: lazer e esportivização.** Revista Digital - Buenos Aires - Ano 14, 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>

AQUINO, C. A. B.; MARTINS, J. C. O. **Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho.** Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza – Vol. VII – Nº 2, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v7n2/13.pdf>

BAGNARA, I. C. et al. **O processo histórico, social e político da evolução da Educação Física.** Revista Digital - Buenos Aires - Año 15 - Nº 145. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd145/o-proceso-historico-da-educacao-fisica.htm>

BERNARDES, L. A. (Org.). **Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física.** Phorte: Ed. São Paulo, 2013.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

CORRÊA, Evandro Antonio; SOUZA Samuel Neto de. **As atividades de aventura e a Educação Física: formação, currículo e campo de atuação.** São Paulo: CREF4/SP, 2018.

DANTAS, T. R. et al. **Atividades corporais de aventura na escola: a corrida de orientação como proposta no desenvolvimento das competências socioemocionais.** Educación Física y Ciencia, vol. 24, nº2, 2022. Disponível em: <https://efyc.fahce.unlp.edu.ar/article/view/efyce216/15789>

DENICOLO, Faustino. **Atividades Físicas de Aventura: Um desafio possível nas aulas de Educação Física Escolar.** Espírito Santo, 2017. Disponível em: https://cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/field/anexo/denis_faustino_denicolo_-_atividades_fisicas_de_ventura_um_desafio_posivel_nas_aulas_de_educacao_fisica_escolar.pdf. Acesso em: 15 de setembro de 2022.

DORNELLAS, L. C. G., NEVES, C. M., MAYOR, T.S. **A emergência da Prática Corporal de Aventura na política curricular de Minas Gerais: uma análise documental.** Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v.8, n. 3, 2021. Disponível em: <file:///home/chronos/u-83b3298c12e6c884e17c8bbdbfe84c75331bfd5c/MyFiles/Downloads/gabrielabaranowski,+34165-Texto+do+artigo-115551-1-11-20211215+Coutinho+et+al.pdf>

FERREIRA, J. K. S.; SILVA, P. C. C. **Práticas corporais de aventura na natureza na educação infantil: um relato de experiência.** Caderno de Educação Física e Esporte, v. 18, n. 3, 2020

FRANCO, Laércio Claro Pereira. **Atividades físicas de aventura nas escolas.** In: BERNARDES, Luciano Andrade. Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física. São Paulo: Phorte, 2013.

GHIRALDELLI, Paulo. **Educação Física Progressista: A pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. Edição Loyola: São Paulo, SP. 1991

INÁCIO, H. L. D.; EXTREMERA, A. B. **Práticas corporais de aventura na educação física espanhola: um estudo com foco na metodologia e na avaliação**. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon, v. 18, n. 3, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfísica/article/view/23314/16221>

LIMA, Rubens Rodrigues. **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: ALGUMAS PONTUAÇÕES**. Rev.Eletrônica Pesquiseduca, Santos, v. 07, n. 13, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/199/pdf>

LUZ, D. C.; OLIVEIRA, A. A. B. **Orientação: um tesouro pedagógico das práticas corporais de aventura**. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 3, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfísica/article/view/27476/19800>

MARINHO, Alcyane. **Introdução aos estudos das atividades de aventura: características, concepções e conceitos**. In: BERNARDES, Luciano Andrade. Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física. São Paulo: Phorte, 2013.

MARINHO et al. **Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física**. In: BERNARDES, L. A. Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física (org). São Paulo: Phort Editora, 2013

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. **A prática pedagógica histórico-crítica na educação infantil e ensino fundamental**, Campinas, SP : Autores Associados, 2011. - (Coleção Educação contemporânea).

MASSETO, S. T.; MORETTI, A. R. **Aspectos psicossociais das atividades de aventura**. In: BERNARDES, Luciano Andrade. Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física. São Paulo: Phorte, 2013.

MENEZES, A. H. N. et al. **Metodologia Científica, Teoria e Aplicação na Educação a Distância**. Petrolina, PE, 2019.

Oliveira, Y.F. Educação Física: Uma invenção do capitalismo? In: SEMINÁRIO NACIONAL CORPO E CULTURA, IV. 2013, Goiás, GO. **Corpo e práticas corporais: entre os conceitos e a realidade**. Fórum. Goiás: 2013. página inicial e final da parte referenciada.<http://congressos.cbce.org.br/index.php/4sncc/2013/paper/viewFile/5748/2959>

PAULA, M. V. G.; KOCHHANN, A. Práticas corporais de aventura na Educação Física escolar e a inclusão da criança com deficiência. Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 23, 2020

PAIXÃO, Jário Antonio da. **Esporte de Aventura como conteúdo possível nas aulas de Educação Física Escolar**. Motrivivência v. 29, n. 50, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p170/34005>

PEREIRA, Dimitri Wuo. **Aventura na Educação Infantil, vamos ampliar a BNCC**. In: PEREIRA, Dimitri Wuo. Pedagogia da Aventura na Escola: proposições para a base nacional comum curricular. 1 ed. Editora Fontoura, 2019.

PEREIRA, D. W. (Org.). **Atividades de aventura: em busca do conhecimento**. Fontoura: ed. São Paulo, 2013.

PEREIRA, D. W. (Org.). **Pedagogia da aventura na escola: Proposições para a Base Nacional Comum Curricular**. Fontoura: ed. São Paulo, 2019.

PEREIRA, D. W., URIBE, A. Jogos de orientação na escola. In: PEREIRA, Dimitri Wuo. **Pedagogia da Aventura na Escola: proposições para a base nacional comum curricular**. 1 ed. Editora Fontoura, 2019.

POSSAMAI, K. et al. **As práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física durante o ensino remoto: planejando o movimentar-se com a prancha de equilíbrio**. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 3, 2021

RIBEIRO, Alessandra. **Esporte e atividade de aventura na melhora dos sintomas da depressão**. In: PEREIRA, Dimitri Wuo. **Atividades de aventura: em busca do conhecimento**. 1ª ed. São Paulo: Editora Fontoura, 2013.

SANTOS, Gisele Carvalho dos. **Professores de Educação Física frente ao desafio dos esportes de aventura**. In: PEREIRA, Dimitri Wuo. **Atividades de aventura: em busca do conhecimento**. 1ª ed. São Paulo: Editora Fontoura, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8 ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2010.

SEVERINO, A. J.; PEREIRA, D. W.; SANTOS, V. S. F. **Aventura e educação na Base Nacional Comum**. *Eccos Rev. Cient.*, São Paulo, n. 41, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/6954/3426>. Acesso em: 02 de setembro de 2022.

SILVA, C. B. et al. Escalada Esportiva e síndrome de down: uma experiência na escola de educação especial Juliano Varela em Campo Grande/MS. In: PEREIRA, Dimitri Wuo. **Pedagogia da Aventura na Escola: proposições para a base nacional comum curricular**. 1 ed. Editora Fontoura, 2019.

SOUZA, Júlio César Magalhães de. Surfe. In: BERNARDES, Luciano Andrade. **Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física**. São Paulo: Phorte, 2013.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. **Práticas Corporais de aventura em aulas de Educação Física na escola**. *Conexões: Campinas, SP*, v. 14, n. 2, 2016.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. **Diagnóstico sobre a abordagem das práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física Escolar em Ilhéus/BA**. *Movimento: Porto Alegre*, v. 24, n. 3, 2018

TRIANI, F; TELLES, S. C. C. **Representações sociais sobre os esportes de aventura na educação física**. *Interfaces da Educ.*, Paranaíba, v.10, n.30, 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/3946/3465>.

TUBINO, M. J. G. **O que é Esporte?** São Paulo, SP: Ibrasa Editora, 1993

VIEIRA, J. R.; CARVALHO, A. J. S. Estratégias de ensino dos esportes de aventura: Perspectivas para os conteúdos da Educação Física Escolar. In: PEREIRA, Dimitri Wuo.

Pedagogia da Aventura na Escola: proposições para a base nacional comum curricular. 1 ed. Editora Fontoura, 2019.